

COSTA GOMES EM NOVA IORQUE

HOMENAGEM DA O.N.U. A PORTUGAL

NAÇÕES UNIDAS, 17 — (Do nosso enviado especial Armando Pereira da Silva) — A consagração internacional da nova realidade portuguesa ocorrerá hoje, às 17 horas de Lisboa (meio-dia em New York) quando o general Costa Gomes sancionar com a sua autoridade a interpretação progressista do Programa do Movimento das Forças Armadas. O Chefe do Estado Português, que será acompanhado até à tribuna pelo Secretário-Geral da O.N.U., irá por certo garantir o empenho sincero das autoridades portuguesas no caminho da descolonização, da democratização interna e da abertura externa a todos os povos e países.

Finalmente, Portugal é país grato à comunidade internacional. A visita às Nações Unidas do Presidente da República é tida aqui como acontecimento marcante na vida política, e aparece como autêntica viragem nas relações com o nosso País, sobretudo da parte do bloco africano, que hoje mesmo se reúne, aliás, com o ministro Mário Soares.

Registe-se o facto que nos parece mais significativo na presença do general Costa Gomes na sala da Assembleia Geral das Nações Unidas. Não é uma figura carismática que logo sobe à mais alta tribuna da Organização das Nações: é uma política, é uma nova realidade, é toda a originalidade de um processo revolucionário que as Nações chamaram, com todo o interesse, à sua casa comum.

Já ontem se passou algo de grande significado político: pouco depois de aterrar no Aeroporto John Kennedy, num princípio de noite chuvosa, o general Costa Gomes assistiu a um jantar em sua honra em que estiveram presentes o presidente da Assembleia Geral da O.N.U., os 17 vice-presidentes, o presidente do Conselho de Segurança, o presidente do Comité dos 24, o representante permanente da O.N.U., o embaixador da Guiné-Bissau e os presidentes de todos os grupos regionais da Organização. Kurt Waldheim brindou, na circunstância, por Costa Gomes e por Portugal.

Aproveitando a sua visita à O.N.U., o Chefe do Estado Português será amanhã recebido pelo

presidente dos E.U.A., Gerald Ford. Não parece que vão ser tratados assuntos específicos em pormenor. O dr. Vítor Constâncio não veio a New York, como chegou a ser anunciado, sinal de que os temas económicos não deverão ocupar grande relevo na conversa dos dois presidentes. Também o caso da base das Lajes, em curso de negociações por sectores especializados, não parece assumir importância especial. Costa Gomes deverá, isso sim, dar conta a Ford da nova evolução da política portuguesa após os incidentes evolutivos na dialéctica do 25 de Abril, ao mesmo tempo que assegurará o interesse português na manutenção das melhores relações com a grande potência deste lado do Atlântico.

Trata-se de previsões. Realidade concreta, contudo são os novos olhos com que o mundo nos vê, é o acolhimento que nós é agora dispensado.



O Presidente da República, general Costa Gomes, no momento em que, à sua chegada a Nova Iorque, concedia uma breve entrevista a T.V. «Hora Portuguesa»

Conversações de Kinshasa prosseguem em Luanda

As conversações iniciadas em Kinshasa com vista a acelerar o processo de descolonização em Angola prosseguiram ontem em Luanda. Uma delegação zairense, acompanhada por uma outra da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) chegou ontem a

Luanda e avistou-se com o almirante Rosa Coutinho, presidente da Junta Governativa daquele território.

A delegação enviada pelo presidente Mobutu Sese Seko do Zaire é chefiada por Bela Matwamba, conselheiro de Mobutu, e o grupo da FNLA tem

à cabeça o encarregado da informação naquele movimento, Hendrik Vaal Neto.

Vaal Neto disse aos jornalistas que trazia uma mensagem do seu presidente, Holden Roberto, para o povo angolano e que um dos objectivos da sua ida a Luanda era a instalação de uma delegação da FNLA na capital angolana. Vaal Neto confirmou que vinha continuar as conversações iniciadas em Kinshasa com o general Fontes Pereira de Melo. Disse, por outro lado que a FNLA está disposta a formar uma frente comum com o MPLA e a UNITA, mas que a situação interna do MPLA não tem permitido avançar nesse sentido.

Entretanto, segundo telegrama da Reuter, foram suspensas algumas carreiras nocturnas de autocarros, devido aos incidentes que se têm verificado com quadrilhas não identificadas que operam nas imediações de Luanda.

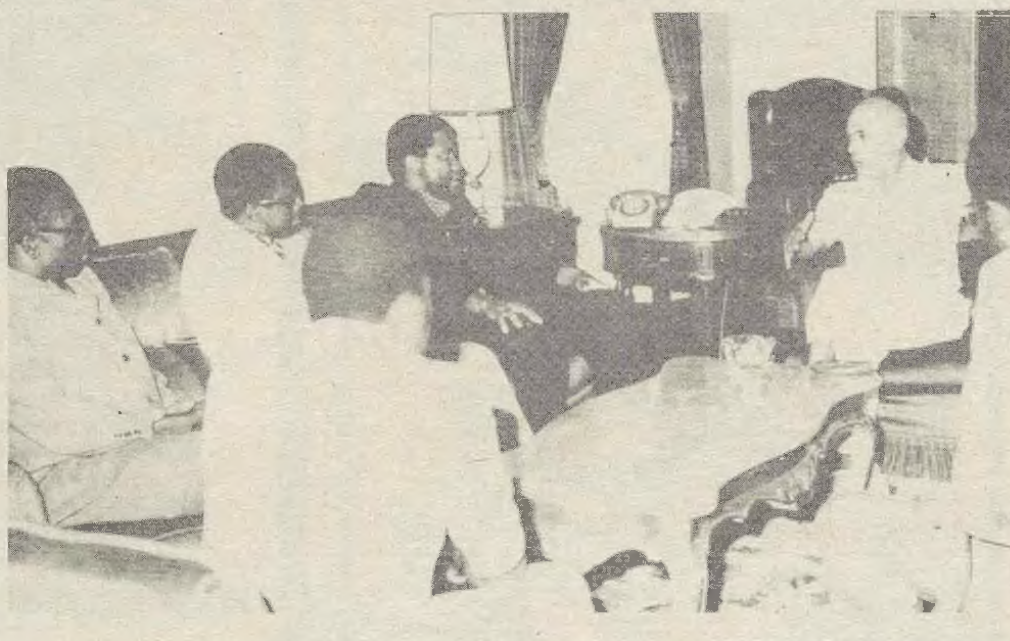
A «UNITA» PERCORRE CAPITAIS AFRICANAS

ABIDJAN, 17 — (F.P.) — O Ghana propôs a realização em Acra duma reunião dos representantes dos três movimentos de libertação de Angola —

MPLA, FNLA e UNITA — se continuarem a ter dificuldades a respeito da sua unificação, declararam hoje à agência France-Presse dois componentes da UNITA vindos de Acra.

Os dois representantes da UNITA foram igualmente recebidos em Nairobi e Dar es-Salam, onde voltarão para falar com os presidentes Jomo Kenyatta e Julius Nyerere. Estiveram em Kampala, onde o general Idi Amin lhes fez um donativo, em nome do povo e do Governo, duma quantia de 300 000 xelins (uns 1 000 contos), que é o donativo «mais importante feito pela Uganda a favor dum Movimento de Libertação», disse-lhes o general Amin que lhes prometeu intervir, com vista à unificação dos Movimentos de Libertação Angolanos.

De Abidjan, os dois representantes da UNITA seguem para a Monrovia e Freetown. Deverão depois encontrar-se com o presidente do Zaire, e visitar a Nigéria, os Camarões, o Gabão, a República Centro-Africana e o Chade. Pensam também ir a Conakry.



A delegação da República do Zaire ao ser recebida pelo presidente da Junta Governativa de Angola, almirante Rosa Coutinho

NACIONAL

POVO
DESPOLITIZADO

Na sua forma singela e emotivamente comunicativa, o Primeiro-Ministro aludiu já, por várias vezes, à despolitização do nosso povo. Realidade que facilita manobras da reacção, habilitadas dos que mais têm interesse em manter as classes mais desprotegidas e exploradas na mesma situação do anterior regime, dificultadas para o processo de democratização do País.

O 25 de Abril ainda não chegou aqui, ainda não chegou acolá, ainda não chegou além. Escreve-se nos jornais, diz-se na Rádio e na TV. E como vai chegar?

Pela palavra? Pelos actos? Pelas duas coisas? Como se vai dar conhecimento do 25 de Abril ao povo de uma aldeia pobre, isolada, medíocre? Como se vai

dar conhecimento a tal povo analfabeto, ignorante, atrasado? Combatendo efectivamente (e por actos, principalmente) a pobreza, o isolamento, a ignorância, o atraso e abandono. Mobilizando todas as capacidades, demonstrando pela prática que as pessoas vão ser ajudadas, estimuladas, recuperadas, lembradas.

O Governo, as câmaras municipais, as juntas de freguesia, os regimentos militares, as associações disto e daquilo. Tudo ao serviço desta tarefa de fundo de mudar um País. E será possível. E será mais fácil do que parece. E será mais rápido do que se supõe.

MANUEL
DE AZEVEDO

TEATRO MUNICIPAL DE
SÃO LUIZORQUESTRA SINFÓNICA DE
SYDNEY

AUSTRALIAN BROADCASTING
COMMISSION

DIRIGIDA PELO MAESTRO
WILLEM VAN OTTERLOO

SOLISTAS
SEQUEIRA COSTA piano
DONALD WESTLAKE clarinete

PRIMEIRO CONCERTO

SEGUNDA-FEIRA, 21 — AS 21.45 H.

SINFONIA N. 39 MOZART
CONCERTO PARA CLARINETE MOZART
HELDENLEBEN R. STRAUSS

SEGUNDO CONCERTO

TERÇA-FEIRA, 22 — AS 21.45 H.

ABERTURA «EGMOND» BEETHOVEN
5.º CONCERTO PARA PIANO BEETHOVEN
SINFONIA FANTASTICA BERLIOZ

Preços: 2.º Balcão, 20\$00. Plateia, 40\$00

BILHETES À VENDA

GRUPO B — M/ 10 ANOS

Coisas & Loisas
do Sindicato dos Toureiros

Que dizer da reunião que na terça-feira se efectuou no Sindicato Nacional de Toureiros? No momento em que saímos, usava da palavra o sr. Diamantino Viseu. Inteligente. Com dom de palavra, o sr. Diamantino Viseu estava já a dominar a assistência. Como sempre o fez, pelo menos em todas as assembleias a que temos assistido naquele Sindicato.

Dezenas e dezenas de sócios e não-sócios enchiam ontem à noite a sala do Sindicato. As instalações haviam sido ocupadas no dia anterior por um grupo de sócios. Suspensão do cavaleiro José João Zoio, comissão do Ministério para fiscalização de contas e eleição de uma comissão directiva são alguns pontos do seu caderno reivindicativo.

Para a noite estava marcada uma assembleia. A ex-direcção (há um mês que se encontra demissionária), a direcção do Fundo de Assistência e mais alguns sócios entraram (com cenas de violência em alguns casos) e a assembleia realizou-se.

Presidiu à mesa o cavaleiro David Ribeiro Teles, após ter sido posta em causa a legitimidade do anterior presidente. Falou um dos revolucionários:

Jesus Nunes. Apresentou o programa do grupo em que se encontram representados os mais variados escalões da profissão: Gustavo Zenkel, Mestre Baptista, Amadeu dos Anjos, José Júlio, Carlos Falcão, Rogério Amaro, etc.

O orador salientou que a sua luta era apoiada por alguns Sindicatos, como os Metalúrgicos, Artes Gráficas, encontrando-se ali presente um membro da União dos Sindicatos do Mar.

Fernando Salgueiro, ex-director, usou também da palavra. Nunca servi de fachada — afirmou em certa altura a propósito do seu mandato e apelou para a eleição imediata de uma comissão de gestão.

Em dado momento foi levantado o problema do cavaleiro José João Zoio. Temos de provar que ele está inocente. Nós não somos políticos, somos toureiros. Que pensa disto José João Zoio?

«PARA AS ALGIBEIRAS
DOS SENHORES»

O Fundo de Assistência é uma realidade bela — foram as primeiras palavras do matorador Diamantino Viseu. Depois

de mais uma vez (e sempre que pode) chamar a atenção para o facto de ter sido o seu fundador, salientou os esforços desenvolvidos no sentido de melhorar a situação dos seus beneficiários. E conseguiu-o.

Entra nas algibeiras dos senhores. Vai para as algibeiras dos senhores — repetia Diamantino Viseu. Que caridade — grita um assistente. A assembleia escuta atentamente. Agradecida. Esquece que também sai das algibeiras dos senhores (deles). Efectivamente o Fundo de Assistência do Sindicato Nacional de Toureiros é uma boa obra. Apontar a todo o momento a sua missão é fazer os beneficiários dependentes. E lembrar a sua necessidade económica. Quando saímos, Diamantino Viseu apresentava as contas do ano findo.

Cá fora, alguns dos membros que tinham ocupado o Sindicato retiravam-se. Desiludidos, segundo nos pareceu. O Sindicato, esse terá que decidir imediatamente uma linha de acção para o seu futuro. A época tauromáquica para o ano ainda vai ser pior — avisou Diamantino Viseu. A imobilidade do Sindicato está a contribuir para isso. Com pena para alguns afeccionados...

F.M.

"Nuevo
Diário"
desmente
o Governo
da
"silenciosa"

MADRID, 17 — (FP) — A direcção do jornal espanhol «Nuevo Diario» desmentiu a notícia publicada na sua edição de ontem e segundo a qual um «Governo português da maioria silenciosa no exílio» tinha sido criado em Madrid.

Em um comunicado publicado na noite de ontem a direcção do «Nuevo Diario» (considerado como porta voz da extrema-direita espanhola) escreve: «A evolução dos acontecimentos prova a inconsistência da notícia que publicamos». Acrescenta que na sua vontade de informar foi vítima de abusos de pessoas que, ao que parece, pretendem perturbar as boas relações que existem entre a Espanha e Portugal».

Lembra-se que, poucas horas depois da publicação do jornal, o Ministério dos Negócios Estrangeiros espanhol publicava uma nota em que reafirmava que a Espanha não admitiria no seu território actividades hostis a um país com quem mantém relações amistosas.

Livros
para a Guiné

De colaboração com a Associação de Amizade Portugal-Guiné-Bissau, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Beja está a promover uma campanha a nível nacional, denominada «Livros de língua portuguesa para o povo irmão da Guiné-Bissau». As ofertas poderão fazer-se através das suas câmaras municipais, juntas de freguesia, sindicatos, partidos e organizações políticas.

ELA SÓ TINHA UM DESEJO: SER AMADA E CONSIDERADA COMO UMA MULHER...
DEIXAR DE SER UMA BONECA...
UM BRINQUEDO NA MÃO DOS HOMENS...

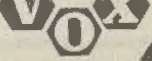


NORA
(A boneca da casa)

A MAIS RECENTE E FIEL VERSÃO DA FAMOSA E SEMPRE ACTUAL PEÇA DE
IBSEN «A CASA DA BONECA» com
Claire Bloom. Anthony Hopkins
Ralph Richardson

Realização de PATRICK GARLAND
— Eastmancolor —

HOJE ESTREIA DE
GRANDE CATEGORIA
MUNDIAL FILMES
Grupo D - maiores de 18 anos



JOSÉ AUGUSTO FRANÇA

DO 25 DE ABRIL DE 1974
AO 5 DE OUTUBRO DE 1910

O regresso às fontes é imagem cómoda, mesmo que a água que delas jorrou e chegou até nós não possa, nunca, ser a mesma. Água, porém, é — e depois desta secura de meio século apetece com certeza bebê-la...

Dos milhares de pessoas que, fora e dentro dos Paços do Concelho de Lisboa, no passado dia 5, se reuniram, só algumas tinham tido um 5 de Outubro na sua vida. É fácil fazer as contas: teriam de ter pelo menos quinze anos em 1925, ou seja sessenta e quatro hoje. O próprio Presidente da República não atingiu tal idade, muito menos o presidente da Câmara — e dos três oradores desta II República que, das janelas do palácio municipal, lhe legalizaram o nome histórico, só o velho Sarmiento Pimentel, com oitenta e seis anos e grandes «Memórias de Capitão», podia lembrar-se do 5 de Outubro — e mesmo do de 1910, que ajudou a fazer, cadete da Escola como era e muito bem contou... Naquele mar de gente que há quarenta e oito anos ali se não reunia, nem podia fazê-lo, talvez não houvesse três homens que dissesse se gabassem.

Eu creio, porém, que ter estado na praça neste 5 de Outubro de 1974 será motivo de lembrança, e que a reunião foi um grande acto significativo; assim o senti, por acaso do lado de dentro da Câmara. As conotações deste 5 de Outubro são múltiplas, entre a saudade e a esperança. Por outro lado, vindo poucos dias depois do 28 de Setembro, tal como o 1.º de Maio veio a seguir ao 25 de Abril, o seu significado acrescentou-se. E ainda mais, quando o feriado que foi se compensou com o trabalho do domingo seguinte, uma manifestação que sucedeu a outra e a legitimou civicamente. Do 25 de Abril deve, historicamente, remontar-se ao 5 de Outubro como da Segunda se deve remontar à Primeira República, entendendo que a palavra República em am-

bas as datas é essencial — como fundamental é defendê-la, garantia de um regime que, para além de diferente problemática socio-económica, mantém a sua definição popular. Ou a acrescenta. As lições do povo em 1910, povo de populares e dos «sargentos da Rotunda», são idênticas, no princípio e na responsabilidade, daquelas que o povo deu em 1974 — povo dos soldados e dos «capitães do MFA» e povo da vigilância da noite dramática do 28 de Setembro.

Se o tempo da História não conhece sobreposições, não deixa, porém, de requerer filiações de estrutura e de nelas justificar o seu curso e o seu sentido. Alguém já comparou 1974 e 1920, repetindo a comparação feita entre a revolução liberal do princípio de Oitocentos e a da República, e ambas as comparações têm razão de ser, para além de conjunturas e circunstâncias, num quadro meio ideológico meio sentimental, como convém às vivências históricas sobre as quais queira reflectir-se. As duas revoluções liberais de 1820 e de 1910 tiveram contra-revolucões, e foi já o migueísmo em 1823, e outra coisa igualmente estúdiada em 1926, depois de muitas intonações, incursões e «traulitanas». O 25 de Abril já conheceu duas tentativas contra-revolucionárias, em «golpes de palácio» e um grande projecto de crimes de rua — que tiveram significativo início numa praça de touros, sítio cultural favorito do Senhor D. Miguel, local apropriado ao berreiro feito em nome de uma maioria silenciosa...

De um marialvismo a outro, a genealogia é fatal! ...Entre as lições que na experiência da I República deve buscar a nossa está, certamente também, a necessidade de pôr cobro ao marialvismo lusitano — mesmo chamando-lhe fascismo, senão como já sugeriu, feixismo, em vernáculo propositadamente degradante...

De um marialvismo a outro, a genealogia é fatal! ...Entre as lições que na experiência da I República deve buscar a nossa está, certamente também, a necessidade de pôr cobro ao marialvismo lusitano — mesmo chamando-lhe fascismo, senão como já sugeriu, feixismo, em vernáculo propositadamente degradante...

Não. Estes que há tempos encontrei num jornal e que dias depois voltei a encontrar (os mesmos embora com outros rostos e outros nomes), não fugiram às responsabilidades nem partiram pelos caminhos em busca da aventura. Fugiram, sim, mas a algo pior do que tudo e sem esperança, à velha vida que já não lhes dava o que

a vida concede em geral às criaturas, mesmo às de ambições mais do que modestas. Fugiram pois do deserto povoado mas sem vozes nem oásis, da transparência a que os outros os haviam condenado. Não foram procurar o que quer que fosse, fugiram muito simplesmente porque fugir era essencial à sobrevivência, melhor, ao prosseguimento daquele

círculo quase a fechar-se.

Os seus retratos portanto no jornal, por entre a quinilharia dos pequenos anúncios. Como se também eles, desaparecidos, fossem coisas anunciáveis, soltas no mundo, perdidas, enfim. Rostos apagados, nomes, números para onde podia telefonar-se a comunicar o seu paradeiro. Velhos, doentes, com

perdas da memória. As famílias mandaram o retrato e a notícia, angustiadas ou simplesmente exaustas, quanto tempo durará aquilo? talvez pensem. Porque a vida é às vezes terrível. Ou talvez não, e isto sejam ideias negras do dia, dos dias, em que os encontramos no jornal, tão apagados, tão tristes e sem solução.

BLASCO HUGO FERNANDES

Do projecto de lei
de arrendamento rural

A Secretaria de Estado da Agricultura elaborou já o projecto da legislação sobre o arrendamento rural que muito em breve passará a vigorar, após prováveis alterações resultantes da discussão pública em curso. Neste sentido, julgamos da maior importância apresentar estas primeiras considerações sobre o projecto em questão a fim de se tomarem na devida conta pelos efeitos que podem originar no campo tanto social como económico.

DO PRAZO
DE ARRENDAMENTO

Pelo ponto 1 do artigo 5.º sobre o arrendamento rural em geral e pelo ponto 2 do artigo 22.º relativo ao arrendamento ao cultivador directo, o arrendatário adquire maior garantia de continuidade por um período que pode ir até aos 18 anos, se assim o pretender, independentemente da vontade do senhorio. Este, salvo determinadas situações concretas previstas pelo projecto de lei, fica sem a possibilidade de denunciar o contrato de arrendamento durante aquele intervalo de tempo. Assinala-se, pois, sensível melhoria relativamente à legislação que vigorou no decurso do regime anterior a qual, como se sabe, dava a possibilidade de o proprietário-senhorio denunciar o contrato ao fim de 6 anos, no caso de arrendamento rural geral, e ao cabo de 4 anos na hipótese de arrendamento ao cultivador directo. Apesar de se registar um avanço, achamos insuficiente a garantia que o presente projecto de lei confere aos rendeiros, sendo possível, e necessário, ir mais longe na defesa e estabilidade dos agricultores que exploram a terra naquela qualidade, sem que isso signifique — porque não significa — falta de cumprimento do programa do glorioso Movimento das Forças Armadas e do Governo Provisório. Antes pelo contrário, vai ao encontro de uma das suas cláusulas, protegendo melhor uma das classes mais desfavorecidas da agricultura portuguesa.

Na verdade, em qualquer das modalidades de arrendamento, o arrendatário vê-se na contingência de ser despedido ao fim de 18 anos, podendo-se desse modo criar graves problemas sociais e comprometer simultaneamente o próprio desenvolvimento da economia agrícola do País. No ano de 1973, em Almeirim, mais de

1.000 rendeiros foram a dada altura privados das terras que vinham arrendando há mais de 20 anos, em muitos casos (e passadas de pais para filhos há mais de 90). De um dia para o outro, aqueles rendeiros receberam a notícia de que expirado o prazo do arrendamento em curso, daí a escassos meses, deixariam de dispor do meio indispensável para a sua actividade produtiva e para o seu sustento. De um dia para o outro, portanto, a notícia da proximidade de desemprego e miséria para mais de 1.000 rendeiros, com os respectivos familiares. Este exemplo não é único. A legislação do regime anterior dava azo a inúmeras situações daquele tipo ou comparáveis.

Nesta fase histórica de construção da democracia em Portugal, a que o Movimento das Forças Armadas deu lugar e em que todo o povo português se acha efectivamente empenhado, é necessário que a legislação impeça a criação de situações idênticas à que nos referimos anteriormente. O facto de se dilatar o prazo possível de arrendamento da terra pelos arrendatários, embora lhes dê maior garantia de estabilidade, não lhes concede, todavia, total segurança quanto ao futuro, visto que, terminado o período de 18 anos, se podem ver na situação de inactivos, pela não renovação do contrato, com todos os efeitos sociais provenientes da dificuldade de reconversão profissional dos agricultores e dos trabalhadores agrícolas. Eis o motivo pelo qual entendemos que o prazo de arrendamento rural deverá ser idêntico ao que se pratica na habitação, isto é, com contratos anuais automáticos e sucessivamente renováveis enquanto o arrendatário o não denunciar, no tempo e pela forma previstos pela lei. Nestas condições, o proprietário-senhorio deverá ficar privado da possibilidade de rescisão do respectivo contrato, excepto obviamente em circunstâncias consentidas pela legislação em vigor sobre a matéria em questão (ponto 2 do artigo 12.º e artigo 16.º do presente projecto de lei); exploração directa pelo senhorio; não pagamento de renda na forma convencional; utilização de processos depauperantes do solo e outras situações do mesmo género. Essa hipótese de contratos anuais renováveis automaticamente apresenta, além disso,

a vantagem de se eliminar o período mínimo de arrendamento rural geral (6 anos), que poderia originar dificuldades aos empresários-rendeiros, a quem a actividade económica não estivesse a decorrer satisfatoriamente, em virtude de se acharem comprometidos por um período relativamente largo fixado pelo contrato.

De certo modo relacionado com este ponto está o problema da caducidade do arrendamento rural por morte do arrendatário (ponto 2 do artigo 13.º).

As determinações previstas no projecto de lei em análise parecem nos igualmente insuficientes, havendo quanto a nós a necessidade de alargar o seu âmbito para todas as gerações posteriores ao arrendatário, desde que obviamente se verifiquem as condições consideradas no articulado sobre a matéria, ou seja, que essas gerações habitem e cultivem os prédios arrendados e queiram manter o respectivo contrato.

DA FORMA
DO CONTRATO

O projecto determina que o contrato seja reduzido a escrito, para efeitos de maior clarificação das relações entre senhorios e rendeiros e melhor funcionamento do mecanismo de tributação. Entendemos, no entanto, que a redução a escrito deve ser suficientemente simples e desburocratizada, de forma a não se criarem dificuldades aos múltiplos pequenos rendeiros que se dispersam pelo País. Por outro lado, julgamos necessária uma disposição que dê validade aos actuais contratos que não constem de documento escrito, para conveniente garantia dos respectivos rendeiros.

DO SUBARRENDAMENTO

O projecto de lei proíbe o subarrendamento total ou parcial, o que constitui, sem dúvida, medida bastante justa que elimina a possibilidade, que actualmente se constata, de dupla exploração dos rendeiros: por isso mesmo, e pelos seus inconvenientes sobre a própria economia, esta determinação representa um passo em frente em relação à legislação do regime anterior. Contudo, julgamos de interesse incluir uma cláusula, ou aditamento à que já existe sobre este assunto, de maneira a contrariarem-se (ou a estimular

que se contrariem) transgressões a esta disposição legal. Por esta razão, pensamos que se deveria deixar bem claro na futura legislação que, nos casos de subarrendamento, quer por notificação do subarrendatário ao senhorio ou à Repartição de Finanças da localidade, quer por simples constatação do facto pelas entidades oficiais, o subarrendatário passará a arrendatário, nas condições que vinculavam este último ao respectivo proprietário-senhorio.

DA CESSAÇÃO
DO ARRENDAMENTO
PARA EXPLORAÇÃO DIRECTA
DO PROPRIETÁRIO

Ao abrigo deste projecto, o senhorio pode retomar o prédio arrendado para a exploração directamente (pelo cônjuge ou descendente), uma vez ouvida a Comissão Arbitral prevista no articulado, a qual pode recusar o direito de recuperação do prédio arrendado pelo seu proprietário se a não renovação do contrato puser «em causa a subsistência do arrendatário». Convém tornar mais clara esta última condição visto que certas situações podem não pôr em risco a subsistência — resta saber se não baixaria o seu nível — mas comprometer o equilíbrio económico da empresa. Este problema é susceptível de se verificar particularmente nos casos dos pequenos rendeiros que arrendam pedaços de terra a variados proprietários.

Por outro lado, se se revestir de importância decisiva para o senhorio (ou para os familiares mencionados), já o presente projecto admite que este último recupere o prédio arrendado, anulando-se consequentemente o contrato de arrendamento. No entanto, não dá qualquer contrapartida ao respectivo rendeiro, não prevendo nenhuma indemnização para este, por parte do proprietário. Julgamos de toda a conveniência introduzi-la, estabelecendo-a em função do número de anos de arrendamento já decorridos e da renda paga. Idêntico critério se deveria, em nosso entender, adoptar no caso da caducidade do arrendamento por expropriação no interesse público, quer ela seja total quer parcial.

ESPECTÁCULOS

HOJE NA TV

LAWRENCE OLIVIER INTERPRETA O'NEILL

«Long Day's Journey Into Night» (Longa jornada para a noite) é uma obra de Eugene O'Neill que após ter estado em cena no National Theatre, de Londres, conheceu novo e ainda mais amplo êxito graças à sua transposição para a TV, mantendo o elenco original, onde sobressaem Laurence Olivier, Constance Cummings e Ronald Pickup, este no papel de Edmund, em torno do qual se move toda a acção da peça. Não se esconde que Edmund é, afinal, Eugene O'Neill, ele próprio, pelo que a peça se oferece como um notável documento autobiográfico — uma peça que, nas próprias palavras do autor, «é a história de um desgosto, escrita em lágrimas e sangue», explica, do as forças que o moldaram, os seus fracassos como ser humano, a dimensão de pontos de vista trágicos e obsessivos que fizeram dele o artista consumado que foi. O'Neill tinha 50 anos quando

começou a escrever a peça, concluindo-a dois anos mais tarde. É a história de um dia e uma noite na vida de uma família que o autor identificou como a família Tyrone e cujos traços essenciais de carácter dos seus membros assim se podem definir, em síntese: o pai, um actor brilhante mas frustrado; a mãe, afundando-se progressivamente no inconsciente submundo da droga; um dos filhos, devorado pela tuberculose; o outro, um alcoólico inveterado. Um elo inquebrável, evado de amargura e de amor, une toda a família — mas um amor que pode ser, e no caso é, a própria destruição. Laurence Olivier — Lord Olivier — desempenha o papel de James Tyrone — o chefe da família. «Long Day's Journey Into Night» assinala uma das suas raras aparições na TV, se não tivermos em conta os muitos filmes que protagonizou (de origem inglesa ou america-

na) e que têm passado frequentemente pelos visores. Mas se Laurence Olivier é, como se sabe, um actor cujo nome se inscreve na história do teatro de todos os tempos (principalmente pelas suas inolvidáveis criações shakespearianas), se o seu génio permanece nas origens e no desenvolvimento da companhia do National Theatre, a verdade é que Constance Cummings (que encarna Mary Caron Tyrone, a mãe) é, também ela, hoje, uma das grandes figuras dos palcos ingleses. Mas para aí chegar, Constance teve de percorrer (de certa maneira ao contrário de Laurence) um árduo caminho. Corista na Broadway, transformada num símbolo da «girl» ideal dos Estados Unidos, apontada como «miss anarquista» pelas suas constantes rebeliões contra a degradação socioeconómica das «secundárias», alcançou em Hollywood os primeiros êxitos numa carreira cinematográfica que tem prosseguido, inclusivamente na Grã-Bretanha, a par da sua actividade teatral. Ronald Pickup (Edmund Tyrone) é um dos mais brilhantes actores ingleses da moderna geração. Também tem trabalhado intensamente para o cinema, distinguindo-se num filme que não há muito passou em Lisboa — «O Chacal», cujo argumento se baseava num plano para assassinar o general De Gaulle. Creemos que o interesse dos espectadores estará já suficientemente despertado para a «Antologia» desta noite (dia 17) no 1.º Programa da RTP, a partir das 21 e 30.

"CANTO LIVRE" EM CAMPOLIDE

Organizado pelo Grupo de Teatro do Campolide Atlético Clube, haverá no sábado, às 21 e 30, nas instalações do Clube, uma sessão de Canto Livre que contará com a presença de José Jorge Letria, Inácio, Samuel, Rui Mingas e Armando Caldas. No decorrer da sessão far-se-á um pequeno leilão que reverterá a favor daquele grupo teatral, o qual prepara, neste momento, a peça «Esplendor e Morte de Joaquim Muraria», de Pablo Neruda.

"Bonnie e Clyde" no Império

«Bonnie e Clyde» é, tanto um filme excepcionalmente bem conseguido — a Academia de Hollywood distinguio-la com dois Oscars — como um reflexo da angústia da juventude conturbada dos nossos dias. O seu realizador, Penn, disse: A ideia geral de «Bonnie e Clyde» é falar duma inteligência muito obscura, sem nenhum fim ou complexo. É qualquer coisa como um desejo de acção mas que não sabe muito bem de qual acção, nem porquê.

Acrescentamos que pela estranha e singular textura da sua história, pela lógica do desenvolvimento da temática, pelo carácter humano das personagens e pela linguagem cinematográfica empregada, «Bonnie e Clyde» enroupa-se de um carácter diversificado e eclético muito pouco normal e que lhe dá apreciável força. Warren Beatty e Fay Dunaway são os intérpretes deste filme que o Império exhibe na «tarde cultural» da próxima 6.ª feira. Amanhã portanto.

O problema do aborto deixa a clandestinidade

Um filme, que mostra um aborto, poderá ser exibido em França, após o Governo levantar uma proibição imposta há um ano.

A película «Histoire D'A», dirigida por Charles Belmont, foi proibida pelo antigo ministro da Cultura, Maurice Druon, que classificou a cena do aborto

como uma ameaça à ordem pública.

Efectuam-se em França, todos os anos, cerca de 300.000 abortos ilegais, segundo indicam estatísticas governamentais. Legislação liberalizando as leis do aborto em França vai ser introduzida dentro em breve, segundo revelou o Governo.

Paco Ibañez em Lisboa

Amanhã, dia 18, o Conselho Português para a Paz e Cooperação apresenta no Ginásio Clube da Cova da Piedade às 21 e 30 e no Teatro São Luiz às 0 e 30 um espectáculo que terá a participação de Paco Ibañez (que se desloca propo-

sitadamente a Lisboa), Luísa Basto, Carlos Paredes e Fernando Alvim, Adriano Correia de Oliveira, José Jorge Letria, Samuel e ainda o Grupo Cultural da Casa de Moçambique. A apresentação está a cargo de João Paulo Guerra que lerá uma mensagem introdutória.

V FESTIVAL DO FILME TURÍSTICO

"Falamos de Rio de Onor" de António Campos

No quarto dia do Festival Internacional do Filme Turístico estão programadas as seguintes sessões:

10.º programa — 15.15 horas: México em uma Nuez (México), Australia — Big Country, Big Welcome (Austrália), Dusseldorf (Alemanha Federal), The River Rhone in Switzerland (Suíça), Madeira — Ilha Flutuante (Portugal) e Tisza — Ozi Vazlatok (Hungria).

11.º programa — 18.15 horas: A Place To Begin — St. Andrews by the Northern Sea (Inglaterra), Figueira — Um Amor Correspondido (Portugal), Gozaresh (Irão), Kynzart

(Checoslováquia), Torres Europa (Portugal) e Maramures (Roménia). 12.º programa — 21.30 horas: retrospectiva da animação jugoslava com Romeo i Julija, Veliki Strak e Inspektor Sevracki Kuci; o documentário sobre problemas de poluição nos Estados Unidos Air Is for Breathing e ainda Falamos de Rio de Onor, filme etnográfico de António Campos que mostra uma aldeia raiana de Trás-os-Montes de velhos costumes comunitários, fazendo dela um importante núcleo inconfundível.

CINEMA NO MUNDO

O regresso de Glória Sanson

Aos 75 anos, Glória Sanson regressa ao cinema (do qual se afastara — disse — por lhe proporem apenas a interpretação de «filmes pornográficos ou de horror») para representar, na película «Airport 1975», a sua própria personagem. Trata-se de uma produção de William Frye, na realização de Jack Smith e, em que intervêm ainda como intérpretes, Charles Heston, Myrna Loy, Sid Caesar e George Kennedy.

BUÑUEL

Luis Buñuel deslocou-se ao México e à Espanha a fim de preparar uma nova película a rodar na Primavera. Aquele realizador está, todavia, indeciso sobre o argumento, visto que tem três em preparação.

MOORE

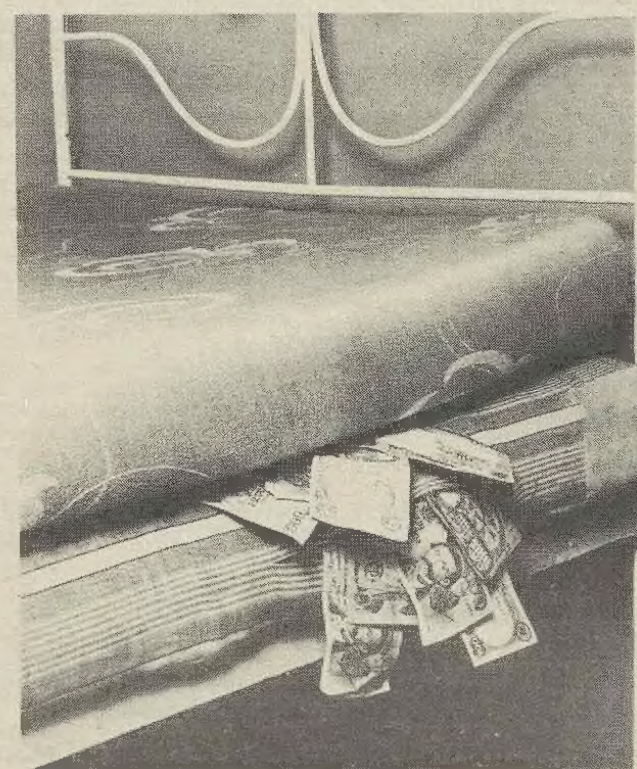
A personagem do agente secreto 007 «James Bond», continua no cinema na interpretação de Roger Moore.

Com efeito, o actor inglês confirmou em Roma que o novo filme se iniciará dentro de alguns meses com o título «A espiã que me amava».

TRINTIGNANT

O realizador chileno Helvio Soto começou a rodar na Ar-

Dinheiro em casa não o ajuda a si nem ao País



A trabalhar no Banco Borges & Irmão rende 8% e dá muita força ao País.

Não há razão para estar parado quando a Europa nos abre as portas. Nós temos mil e uma oportunidades novas para realizar consigo. E segurança para o seu dinheiro. Entre connosco na nova via do progresso. Deposite no Banco Borges & Irmão. Trabalhe connosco em colectivo. Trabalhe com o País. Trabalhe com o Banco Borges & Irmão.

Banco Borges & Irmão



um amigo em todo o País

Almada vai ter um coração novo!

"cidade nova"

PARQUE RESIDENCIAL

O maior e mais moderno complexo habitacional e comercial do nosso País.

Com amplas avenidas, orientação adequada e rodeado de espaços verdes;

1200 fogos de 2, 3, 4 e 5 assoalhadas e 200 estabelecimentos, em edifícios de grande envergadura, junto aos novos Liceus e Escolas Técnicas, em construção.

PROGRAMA FINANCEIRO

ENTRADA	40000\$	50000\$	60000\$	70000\$
MENSALIDADES	47 X 3500\$ 164.500\$	47 X 4500\$ 211.500\$	47 X 5500\$ 258.500\$	47 X 6500\$ 305.500\$
48º PAGAMENTO (CONVERSIVEL EM HIPOTECA TOTAL)	160.500\$	218.500\$	256.500\$	409.500\$
TOTAL	365.000\$	480.000\$	675.000\$	785.000\$

no local todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 20 h.

*** APARTAMENTO MODELO E SECÇÃO DE VENDAS**

um empreendimento de DR. ALGAR DOS SANTOS

APARTADO 40-ALMADA

PROPEX

NACIONAL

Importados pelo fascismo roubam para sobreviver

Três cabo-verdianos, antigos serventes na Lisnave e de momento na situação de desemprego, recolheram aos calabouços do Governo Civil sob a acusação de terem roubado três relógios de pulso, um dos quais de ouro, numa ourivesaria no Largo do Rato. Da sua boca a frase: «Estamos desempregados e procuramos sobreviver!» Os seus nomes: António Moreira, Argelino Moreira e João Rodrigues, todos menores de dezoito anos. Apenas três cabo-verdianos, entre algumas centenas de braços de trabalho que o regime fascista importou para satisfazer a sua necessidade de mão-de-obra barata, e que os aumentos de salários registados a partir do 25 de Abril lançaram no desemprego imposto por patrões reaccionários. E roubar tornou-se assim sinónimo de sobrevivência. Uma sobrevivência que passa pelas cadeias e pelos tribunais...

Organizações políticas em desacordo com o governador de Évora

Em resposta a uma nota oficial do gabinete do governador civil de Évora relativa à manifestação que naquela cidade se efectuou no dia 30 de Setembro, em apoio do M.F.A. e do Governo Provisório, cuja comunicação às autoridades não obedeceu aos trâmites burocráticos, o Movimento Democrático do distrito, o Partido Comunista Português, o Movimento de Esquerda Socialista, o Movimento Democrático das Mulheres e o Movimento da Juventude Trabalhadora subscreveram um comunicado onde se esclarece: «Dada a gravidade da situação política de 28 de Setembro e as consequentes horas de vigilância, não nos foi possível o exacto cumprimento da lei, em relação à manifestação efectivamente realizada no dia 30. Porém, em resposta a um telefonema do sr. governador civil, foi declarado que o lapso não tinha sido intencional e que ainda antes da manifestação haveria um contacto que de facto veio a verificar-se cerca das 19H00».

Os autores do comunicado afirmam ainda: «Estranham os signatários as ameaças do sr. governador civil e não hesitam em afirmar que em situações idênticas, em que estejam em perigo as liberdades democráticas conquistadas em 25 de Abril, darão sempre prioridade à acção na defesa do Programa do Movimento das Forças Armadas».

VENDA DE SUCATA

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 5 do próximo mês de Novembro, pelas 10 horas, junto ao Armazém Municipal, procederá à venda, em hasta pública, de diversos lotes de sucata.

Cascais, 14 de Outubro de 1974.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Eduardo Francisco Mesquita de Abreu

esfera

Tectos falsos ELEKTRO-METALL o prestígio no seu espaço

O espaço onde se vive, trabalha, diverte deve ser funcional e agradável. Por isso, os tectos que utilizamos foram estudados a pensar no seu ambiente: são elegantes, sóbrios, e integram o tratamento acústico, iluminação, ar condicionado, som, etc. São construídos em chapa de aço inoxidável ou alumínio; facilmente montáveis e desmontáveis; são anti-fogo e o seu aspecto estético enquadra-se em qualquer ambiente.



PROJET - Projectos de Electricidade, SARL
Rua S. Sebastião da Pedreira, 55 Telef. 53 01 22/3 - LISBOA

FRELIMO: VANGUARDA DA LUTA TRICONTINENTAL (3)

A FESTA DO POVO

Quelimane espreguiça-se na modorra do domínio solarengo. Desde as seis da manhã, na missão dos Capuchinhos, situada já à saída da cidade, que os quadros da FRELIMO ai instalados se movimentam. Para a FRELIMO não há dias feriados. O domingo vai ser também de trabalho. Dois comícios na agenda: um, na cidade do cimento; outro, a 30 quilómetros da capital da Zambézia, já à entrada da lonjura dos matos. A roda da missão o povo concentra-se desde cedo. O sino toca. A missa acontece. Os guerrilheiros observam. Em serenidade, que a luta é outra.

Às onze horas estamos no estádio do Sporting Local. Acompanho Bonifácio Gruveta, comandante militar provincial da FRELIMO. Presentes também outros quadros da Frente: camarada João Cháque, responsável da Saúde, camarada sobre o programa e objectivos da Frente de Libertação de Moçambique. Com eles, ficou um grupo de guerrilheiros em atitude de vigilância contínua.

O percurso foi longo. A Land-Rover, conduzida por um missionário capuchinho, era



A Frelimo é a festa do povo

Paulina Mateus, chefe do Destacamento Feminino na Zambézia, João Bernardo Honwana, camarada comandante-em-chefe da FRELIMO na cidade de Quelimane. As pancadas estão quase desertas. Em redor da tribuna, talvez, uns trezentos simpatizantes. Na sua maioria negros. A cidade branca do cimento guardou-se na ausência e no silêncio. Por isso, João Honwana afirmou: «Para que ouçam bem todos os reaccionários saibam que a FRELIMO está na cidade de Quelimane, vamos gritar bem alto — VIVA A FRELIMO!» Um viva que saiu da boca das três centenas de pessoas, mas o camarada João Honwana sublinhou ainda: «É preciso que o vosso VIVA faça tremer a cidade do cimento. É preciso que toda a gente venha à janela ouvir a palavra da FRELIMO. VIVA A FRELIMO».

30 KILÓMETROS DE ARAME FARPADO

Parti da cidade rumo a Namidobe. No estádio, João Bernardo e Paulina Mateus prosseguiram a sessão de esclarecimento seguida por camionetas cheias de simpatizantes da FRELIMO. Foram trinta quilómetros através dos coqueiros da Companhia da Zambézia, símbolo do trabalho forçado, das rugas dos salários de fome, do colonialismo.

Em Namidobe foi a explosão do povo. Ao silêncio frio e distante do cimento, cerca de quatro mil negros e negras, velhos e jovens, responderam com um VIVA A FRELIMO que ecoou pelos coqueiros. O braço erguido, a mão cerrada, uma só voz, um só gesto, um só corpo: a Frente de Libertação de Moçambique é o povo moçambicano. As mulheres dançam, os homens cantam (Ardeu fogo em Moçambique! a vinda do valente Samora! encontrou-se com o povo! em Moçambique! e a FRELIMO libertou-nos! da escravidão). É difícil atravessar toda aquela gente. Os guerrilheiros são abraçados pelo povo. A adesão popular é total. A tarefa da FRELIMO agora é organizada politicamente essa adesão. Os comícios desempenham papel significativo na concretização de tal objectivo. Assim se entendem as primeiras palavras do camarada-comandante Bonifácio Gruveta: «Durante dez anos de combate, de conflito armado, entre nós e o colonialismo português, nós perdemos muitos camaradas na guerra, no mato, nas montanhas, nós perdemos também camaradas nas prisões da P.I.D.E./D.G.S. Vocês perderam filhos! Vocês perderam irmãos! Vocês perderam membros da vossa família no combate para a libertação de Moçambique!»

As palmas interrompem Bonifácio Gruveta. Mas ainda aqui se não lhe escapa o sangue frio. Sem resvalar para o aproveitamento demagógico da emoção, corrigindo sucessivamente e didacticamente as massas, o camarada-comandante sublinha: «Cuidado, há uma contradição. Quando falamos daqueles que morreram, daqueles que tombaram, nós devemos bater as palmas. E nós perdemos no combate o «leader» mais alto da nossa organização, o primeiro presidente da FRELIMO doutor Eduardo Chivambo Mondlane. Ele foi o fundador número um da FRELIMO, ele foi o combatente da primeira hora da FRELIMO, ele foi o obreiro da Unidade Nacional».

Foi ele que lutou, que combateu mais do que ninguém pela unidade do Rovuma ao Maputo, para nós todos aceitarmos que um moçambicano que nasceu em Inhambane devia aceitar morrer em Cabo Delgado, e aquele de Cabo Delgado devia morrer na Zambézia para libertar o povo! O homem que nos ensinou que o nosso combate não seria dirigido contra a orelha do indivíduo, mas sim contra um regime. Foi ele o fundador, número um do Exército Popular de Libertação de Moçambique. E nós queremos pedir mais uma vez que prestassemos um minuto de silêncio em memória de todos aqueles que se sacrificaram no combate, na DGS, na clandestinidade, e em particular pelo camarada doutor Eduardo Mondlane.

O minuto de silêncio que se seguiu foi escutado entre o cimento de Quelimane. Dizer que o povo cantou logo depois, talvez, não baste. Antigamente o Salazar dizia: que os africanos não se entendem! Agora Tete é nossa! Está nas nossas mãos Cabo Delgado! Isto demonstra! que estamos unidos. A FRELIMO é a

Por JOSÉ A. SALVADOR

festa do povo, mas também a sua vanguarda.

O CONCERTO NAS PALAVRAS DE ORDEM

Aos cânticos, entoados pela multidão, seguia-se novo esforço de reflexão. Agora sobre a saúde. Fala o camarada João Cháque:

«Mesmo no campo da saúde, no campo sanitário, há muita gente aqui que conhece muitos medicamentos, há muitos que

Todas as suas palavras se dirigem ao concreto quotidiano das massas. Como sempre frisaram os dirigentes da FRELIMO, estavam ali, não como professores, mas sobretudo como elementos armados do povo, que regressam ao povo para aprender com ele. Ferver a água, matar as moscas, amontar o lixo, foram palavras de ordem que concretizavam na prática a ideia mestra de «contar com as próprias forças».

«A saúde deve servir o povo. Nós não temos médicos, nós

CRIANÇAS NUMA ESCOLA:

"Spínola não sabe política"

J. C. — O quê é que ele não sabe? R. — (algumas vozes, primeiro. Depois, aplausos e risos) — Não sabia... matemática. J. C. — (rindo) Ele errou nas contas não é? E o general Spínola, o quê é que não sabe? R. — Política. J. C. — Política. Mas porque é que vocês dizem isso, por que é que Spínola não sabe política? R. — (algumas vozes, apenas) — Porque não nos deu a vindevidência... J. C. — Então vocês sabem? É isso. É por isso que ele não sabe política. Mas o general Spínola derrotou Caetano. Por isso o Governo Português já mudou, já é bom, não é? R. — (em coro) — Não. J. C. — Porquê que não é bom? (dirigindo-se a uma das crianças na primeira fila, uma menina) Diz tu aqui, porquê? R. — Porque não deixou ainda o povo livre. J. C. — Porquê que não deixou o povo livre: é isso mesmo. Então vocês já sabem tudo: foi isso mesmo que se passou em Lusaka: o Governo Português disse que não podia deixar o povo livre, ainda. Então a gente sabe isto muito bem. E verdade: o povo de Moçambique não estava, ainda não está livre. Mas não é só o povo de Moçambique que não estava livre: era também o povo de Portugal. Sabiam isso, que



O alto-comissário Vitor Crespo, e o primeiro-ministro Chissano

o povo de Portugal também não estava livre? (...) Agora, o Governo Português escreveu-nos uma carta e pediu para que a Frelimo fosse conversar com eles. Nós dissemos que estava bem, que iríamos conversar, e fomos a Lusaka. Quando chegámos lá, eles pediram-nos para parar de lutar, foi isso que fomos fazer a Lusaka. (Depois de se referir à constituição da delegação da Frelimo, Chissano prossegue): Mas, fomos lá com uma palavra só: quando nos pediram para parar a luta nós dissemos: dêem-nos a independência, e

começamos a lutar. Mas, então, dêem-nos a independência, passem-nos o Governo. Eles disseram que não, que não podiam dar o Governo à Frelimo, que primeiro tinhamos de parar de lutar para depois perguntar ao povo se quer a independência ou não, que depois iriam formar um Governo para nos ajudar porque nós não poderíamos formar um Governo porque não sabíamos. Nós dissemos: bem, então, dêem-nos a luta continua. Eles disseram: ah, esperem um pouco, nós temos que ir perguntar ao nosso Governo so-

Continúa na pág. 22

NACIONAL

PODERÃO AS JÓIAS DE ARTE TORNAR-SE POPULARES?

Kukas fala-nos das suas jóias e do espírito que as anima

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

O problema de saber se as jóias de arte são produtos sumptuários, próprios de sociedades de exploração do homem pelo homem pode formular-se e deve até formular-se, para esclarecimento da questão. Parece-nos, entretanto, que o acento tónico deve colocar-se no uso da obra de arte mais do que na sua especificidade. Se uma arte for colocada ao serviço da fruição popular, ela se tornará popular e nacional.

Serve apenas este curto inquérito para situar no nosso tempo já em parte transformado, na via de transformação, um diálogo longe que tivemos com Kukas, a primeira figura da arte da jóia não convencional.

Quais são os materiais que a Kukas prefere para as suas jóias?

Em princípio, prefiro realmente o ouro branco porque acho que tem, como hei-de dizer?, um tom especial que eu acho mais bonito que qualquer outro metal. Permite, para o meu gosto, fazer coisas...

Mas, para além do ouro branco, você utiliza também pedras se-

mipreciosas, preciosas e até outros metais.

Pois, sobretudo tenho feito peças com junção de metais, inclusivamente o cobre, cobre dourado e prata e ouro. Enfim, até hoje, não trabalhei em mais metal nenhum. Há também os aluminos polidos que dão coisas bonitas e tudo, mas que são muito efêmeros, a meu ver, envelhecem mal e eu gosto mais de um certo tipo de pessoa, digamos, de mulher para a qual eu realmente não gostaria de trabalhar. Não quero dizer que, eventualmente, uma dessas pessoas não adquira uma peça minha, independentemente da minha vontade, que é o tipo de pessoa (isto agora aqui não é para, por não jornal assim, você depois talvez possa dar uma volta a isto), mas quero dizer, aquele tipo de pessoa, da mulher que usa casaco de sêrta e com gola de vison... que é uma espécie de uniforme nacional feminino. A esse tipo de pessoa, eu suponho que, em princípio, não gostei das minhas jóias, a não ser porque, como em princípio, as pessoas as consideram com uma certa qualidade, elas considerem isso como

ra do momento?

Não, especialmente, porque até estou em contradição com isso. Isso impulsiona-me a fazer coisas diferentes porque, se formos ver, o gosto vigente, sobretudo cá em Portugal, é, neste momento, no que se refere a ourivesaria, de uma confusão máxima. Há ilusão de modernidade e houve uma série de pessoas que começaram a fazer jóias ditas modernas, que não têm nada a ver com modernidade nem com o antigo, nem com nenhuma época, quero dizer, são aberrações de formas, com pesadelo de metais e de pedra e que, agridam, penso eu, a um certo tipo de pessoa, digamos, de mulher para a qual eu realmente não gostaria de trabalhar. Não quero dizer que, eventualmente, uma dessas pessoas não adquira uma peça minha, independentemente da minha vontade, que é o tipo de pessoa (isto agora aqui não é para, por não jornal assim, você depois talvez possa dar uma volta a isto), mas quero dizer, aquele tipo de pessoa, da mulher que usa casaco de sêrta e com gola de vison... que é uma espécie de uniforme nacional feminino. A esse tipo de pessoa, eu suponho que, em princípio, não gostei das minhas jóias, a não ser porque, como em princípio, as pessoas as consideram com uma certa qualidade, elas considerem isso como

uma forma de promoção social, como pensam que é também esse tipo de uniforme. Mas eu não sei muito bem. Depois...

O que você acaba de dizer interessa-me. Portanto, de facto, você está em luta com um determinado gosto e quer ou consegue impor a sua maneira.

Eu realmente não concordo, inclusive com essas pessoas que me vêm fazer encomendas. Eu, de uma forma geral, até certo ponto, «gentilmente», se não desse tipo de pessoas, eu arranjo-me sempre para não fazer as jóias, ou porque peço um preço que penso que elas não vão realmente aceitar, e sei lá, e que realmente... (agora não sei muito bem). Não, mas quero dizer, há certas pessoas que vêm ter comigo e eu, «a priori» vejo que é o tipo de pessoa para a qual eu não gostaria de fazer uma coisa, porque com quem eu, pessoas com quem eu não tenho, não posso de maneira nenhuma ter um diálogo aceitável, penso eu, e tudo isso, e dessa maneira arranjo sempre uma forma de, enfim, de me safar à encomenda pessoal. Quando faço coisas diretamente para uma pessoa, gosto de a conhecer e gosto inclusive de me conhecer a maneira como vive, até certo ponto, enfim, e a sua personalidade e tudo isso, é verdade.

Em sociedades antigas, como a sociedade inca e a sociedade Azteca, que eram sociedades de castas, mas não eram propriamente sociedades de trocas, a jóia não era um atributo de uma classe economicamente dominante. As suas jóias nasceram de materiais caros, mas não haveria um processo qualquer para tornar as suas jóias mais acessíveis às classes trabalhadoras?

Acessíveis em que ponto de vista?

Accessíveis, quero dizer a pessoas de bom gosto que eventualmente gostassem de as ter, mas que não podem pagar preços que você, legitimamente até, fixa precisamente porque os materiais são caros, não é verdade? E há também o trabalho que as jóias lhe dão. Mas, repito, será uma fatalidade do modelo desta nossa sociedade que as jóias tenham de ser forçosamente caras?

Elas têm de ser forçosamente caras agora ao nível a que eu trabalho, que não é o nível da comercialização, até porque, justamente, das poucas vezes que tenho propostos de comercialização, as peças eram depois deturpadas. Inicialmente era respeitado o modelo. Eu fornecia o modelo e depois...

Você refere-se a peças que seriam feitas em série a partir de um padrão seu?

A partir de um padrão meu e nessa altura aconteceu-me mais de uma vez, ve-las completamente deturpadas nessa, que não chegou a ser uma industrialização, mas enfim, coisas que eram feitas. Isto não só cá como inclusivamente em Paris para uma galeria que, aqui há uns anos realmente, me comprou uns modelos de jóias e eu, mais tarde, uns meses ou um ano depois,

uma forma de promoção social, como pensam que é também esse tipo de uniforme. Mas eu não sei muito bem. Depois...

O que você acaba de dizer interessa-me. Portanto, de facto, você está em luta com um determinado gosto e quer ou consegue impor a sua maneira.

Eu realmente não concordo, inclusive com essas pessoas que me vêm fazer encomendas. Eu, de uma forma geral, até certo ponto, «gentilmente», se não desse tipo de pessoas, eu arranjo-me sempre para não fazer as jóias, ou porque peço um preço que penso que elas não vão realmente aceitar, e sei lá, e que realmente... (agora não sei muito bem). Não, mas quero dizer, há certas pessoas que vêm ter comigo e eu, «a priori» vejo que é o tipo de pessoa para a qual eu não gostaria de fazer uma coisa, porque com quem eu, pessoas com quem eu não tenho, não posso de maneira nenhuma ter um diálogo aceitável, penso eu, e tudo isso, e dessa maneira arranjo sempre uma forma de, enfim, de me safar à encomenda pessoal. Quando faço coisas diretamente para uma pessoa, gosto de a conhecer e gosto inclusive de me conhecer a maneira como vive, até certo ponto, enfim, e a sua personalidade e tudo isso, é verdade.

Em sociedades antigas, como a sociedade inca e a sociedade Azteca, que eram sociedades de castas, mas não eram propriamente sociedades de trocas, a jóia não era um atributo de uma classe economicamente dominante. As suas jóias nasceram de materiais caros, mas não haveria um processo qualquer para tornar as suas jóias mais acessíveis às classes trabalhadoras?

Acessíveis em que ponto de vista?

Accessíveis, quero dizer a pessoas de bom gosto que eventualmente gostassem de as ter, mas que não podem pagar preços que você, legitimamente até, fixa precisamente porque os materiais são caros, não é verdade? E há também o trabalho que as jóias lhe dão. Mas, repito, será uma fatalidade do modelo desta nossa sociedade que as jóias tenham de ser forçosamente caras?

Elas têm de ser forçosamente caras agora ao nível a que eu trabalho, que não é o nível da comercialização, até porque, justamente, das poucas vezes que tenho propostos de comercialização, as peças eram depois deturpadas. Inicialmente era respeitado o modelo. Eu fornecia o modelo e depois...

Você refere-se a peças que seriam feitas em série a partir de um padrão seu?

A partir de um padrão meu e nessa altura aconteceu-me mais de uma vez, ve-las completamente deturpadas nessa, que não chegou a ser uma industrialização, mas enfim, coisas que eram feitas. Isto não só cá como inclusivamente em Paris para uma galeria que, aqui há uns anos realmente, me comprou uns modelos de jóias e eu, mais tarde, uns meses ou um ano depois,



apareci nessa galeria e, por acaso, enfim, passei, e realmente fiquei desagravelmente surpreendida, na medida em que vi as peças repetidas mas com substituições, alterações de forma, e substituições de...

Concretamente que galeria era, inclusive, a Galeria La Cloche, na Rua de Grenelle, não interessa.

Olhe Kukas, em que países é que você já fez exposições?

Exposições, enfim só em Portugal, Lisboa, no Porto uma vez, também enfim em Madrid, fiz uma exposição colectiva na Galeria Série e depois e anteriormente tinha feito há uns nove anos, nos Estados Unidos no 1.º Congresso Internacional de Artesanato e houve também uma exposição colectiva dos membros do congresso e, nessa altura realmente, as coisas foram muito apreciadas, e tal...

Olhe, e sem ser através de exposições, as suas jóias têm chegado já a outros países, que você sabe, ou não?

Sim, a muitíssimos países. Enfim, muitas pessoas as têm adquirido, mas não para presentes a amigos estrangeiros e até alguns estrangeiros que me têm procurado.

E isso alguma vez suscitou encomendas?

Não, encomendas da parte dos estrangeiros, apenas uma vez que eu me lembre, uma senhora inglesa, e tal, mas isso também não interessa.

Ora bem, Kukas, você já disse uma série de coisas que têm muito interesse sobre o que pensa do panorama da joalharia de criação artística. Já fez um panorama daquilo que lhe parece ser a criação no domínio das jóias. Mas gostava que você, uma vez que também é pintora e, sobretudo, vive muito o processo de criação, acompanha o dos artistas plásticos, tem participado disso, não é? Realmente, o que é que você acha, neste momento, em que fazer pintura abstracta, segundo eu ouço, por exemplo, nas galerias, parece uma coisa já obsoleta e fora de moda. Agora aparece o realismo mágico, aparece hiper-realismo, aparece a arte política revolucionária, certas várias modalidades de neofiguração. O que é que você acha? Claro que não lhe estou a pedir uma profecia, mas que vai acontecer aqui em Portugal ao mercado da arte?

Agora é-me deficiente exprimir-me decentemente, dizer o que é que penso, mas estou convencida de que realmente a pintura está num momento difícil, como tudo está difícil, a vida em geral, a posição, a forma de estar no mundo exprimindo-se, seja de que maneira for, independentemente da mediocridade, que essa vai sempre correndo, mas é, as pessoas, os artistas plásticos. Pois eu acho que, se a obra deles tem um verdadeiro sentido, digamos, de sinceridade e de, enfim, valor autêntico, é independente da moda. Acho que se não se filiam forçosamente nos hiper-realismos. Podem ser influenciados de momento, mas não acredito que fiquem filiados num hiper-realismo. O surrealismo já ficou para trás, enfim, mas ainda há uns que insistem, como na abstracção. Assim cada um servirá-se da expressão que mais o preenche, satisfaz.

Pois, mas um tipo que, por exemplo, agora viesse pintar à maneira do Eduardo Viana ou do Columbano, você não o consideraria um artista de hoje, com certeza.

De forma nenhuma, porque quando eu digo, não é um revivalista desses, nem sequer acho que é de pôr a questão. Está ultrapassado, com certeza. Só são, a meu ver, influenciados por um semi-número de

coisas, desde o objecto a arquitectura, ao «design», tudo em geral, pois acredito que há uma influência enorme para a fusão das artes.

Eu creio que você pôs o dedo na ferida. Não são, mas a ideia fundamental é essa. Há uma ligação profunda entre o artista e tudo aquilo que na condição e que a vida que se está a processar à volta dele.

Enfim de diálogo íntimo com a vida e mesmo com todos os problemas de ordem social, política e não só nacional como a escala mundial, porque hoje é impossível ser-se indiferente a todo um contexto geral de vida, que é o que interessa, não interessa cada um na sua história a cultivar a arte, o melhor que pode ou mais bonita. Não é isso que conta. Só para a pessoa não ficar numa limitação, na solidão, realmente ditas, as pessoas comunicavam com o vizinho, hoje forçosamente até podem não ter nada a ver com o vizinho e a ter a ver muito com uma pessoa que vive na Austrália, por hipótese, quer dizer, e o diálogo pode ser diálogo de obra de arte, sei lá uma troca, por exemplo: eu podia trocar uma jóia com uma gravura, enfim, de alguém que visse no Canadá, ou aqui ou ali, ou muito mais longe e que eu visse e gostasse. E podia não conhecer a pessoa e haveria essa forma de diálogo, de intercomunicação.

Creio que há uma coisa também importante que é o condicionamento económico. Você falou no «design» e podia ter falado em publicidade e nisso tudo. Aparece realmente, há uma intercomunicação, há uma interpretação crítica e irónica, mas ao mesmo tempo também, por processo osmótico. E isso aparece. Nós vemos nos nossos pintores, não vale a pena estar a citar nomes, mas de facto isso é patente, assim como há processos de pesquisa. Olhe, Kukas, a propósito, ainda não lhe perguntei se você gostava de escultura, mas estou a ver aqui, em sua casa, uma escultura lindíssima do Cutilheiro. Então diga lá...

Com certeza, enfim, dentro das artes plásticas, é a modalidade a que estou mais ligada, quer dizer, no fundo, digamos que a jóia talvez se possa considerar uma pequena escultura e eu cada vez sinto isso mais, até porque tenho vindo a depurar as formas desde a primeira exposição que fiz, que eu agora não posso precisar (depois posso-lhe dizer), foi para aí há dez anos e realmente nessa altura eu fazia muitas coisas com um certo barroco, uma grande... os metais muito trabalhados, muito, quer dizer que, a meu ver, hoje em dia é que eu compreendo isso, eram os primeiros passos da, enfim, não é?, dos meus contactos com os materiais, fascinavam-me os efeitos físicos do fogo sobre o metal, dos ácidos, não sei que esse processo de descoberta, quer dizer, a partir das coisas químicas e tudo isso e também muito do acuso. No fundo há objectos que, apesar de tudo, na altura, as pessoas apreciavam muito e consideravam de uma grande renovação na ourivesaria. Porque isso foi dito por várias pessoas, mas no fundo, eu fugia à distância e que considero uma fuga à leitura do objecto puro, quer dizer, não sei explicar isto, tenho uma leitura linear até e limpa e aquilo, como é que hei-de dizer?, é a hesitação e a inexperience que me fazia, como tinha muito menos do que tenho hoje, segurança de construção da forma, evadi-me dessa maneira por um efeito realmente decorativo, que, a meu ver, está muito aquém da linearidade.

Creio que talvez se pudesse dizer

Continua na pág. 19

MOÇÃO DA INTERSINDICAL

Contra o partidarismo no seio dos sindicatos

Considerando que a existência de um movimento sindical representativo exige o respeito pelos princípios democráticos e a consagração da independência e autonomia dos sindicatos relativamente ao Estado, aos partidos e ao patronato, a Intersindical Nacional, reunida em plenário na sede do Sindicato dos Ferroviários do Norte e na presença de 100 sindicatos, aprovou uma moção em que repudia todas as tomadas de posição de organizações políticas ou outras, que invocando princípios de pretensa liberdade sindical, proponham medidas legislativas ou fomentem iniciativas de trabalhadores que conduzam à criação de estruturas ou organismos sindicais que quebrem o carácter unitário da organização sindical, considerando tais iniciativas demagógicas e oportunistas.

Depois de tecer vários considerandos, nomeadamente referentes à longa tradição de unidade que tem caracterizado o Movimento Sindical Português independente e de que a sua unidade constitui um dos elementos fundamentais do desenvolvimento do processo democrático em Portugal, a moção faz as seguintes propostas: que seja defendido junto do Governo a consagração legal do princípio da unidade sindical; que seja defendida a consagração da plena independência e autonomia das organizações sindicais; que seja reclamada a consagração na lei de princípios capazes de assegurar o funcionamento democrático dos sindicatos; que seja defendida a consagração legal das normas que protejam na sua acção sindical os delegados e dirigentes; que se reclame a consagração do direito de acção sindical na empresa; que se reclame a proibição e se legisle a nulidade de qualquer acordo que limite a liberdade sindical dos trabalhadores.

A moção considera ainda como indiscutivelmente contrários aos interesses dos trabalhadores, todas as tentativas de desmembramento da organização sindical, com intuito manifesto da criação de sindicatos por opção política partidária.

O M.D.P./C.D.E. já tem sede na Damaia

A base do M.D.P./C.D.E. da Damaia, já tem sede própria, que se localiza na Rua Fontes Pereira de Melo, 1-A (junto à via férrea). Para além das actividades de organização de jornadas de politização, passará assim a fomentar outras iniciativas, de modo que as suas instalações se tornem um centro de convívio de democratas da

localidade.

A fim de assinalar a abertura da sede, realizou-se ali, a noite passada, um colóquio orientado por José Tengarrinha, da comissão central do Movimento Democrático Português. Foi analisado o papel do MDP/CDE e feito o ponto da actual situação política do País.

QUADRANTE

LIVROS DE ESTUDO

ESTE ANO TAMBÉM AV. LUIS BIVAR, 85-C

OS GRANDES ROMANCES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

COLEÇÃO ARCONAUTA

DIFERENTE! ACTUAL!

GLADIADOR DA LEI

FREDERIK POHL

C. M. KORNBLUTH

20\$

A VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos contra reembolso

LIVROS DO BRASIL

Rua dos Caetanos, 22 - LISBOA

no PORTO

LIDER e seu restaurante

ALAMEDA EÇA DE QUEIROZ, 126 (das Antas)

Em ALJUSTREL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFE ALIANÇA

500

Hermesetas

Extra-doce

adoça sem engordar

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

NACIONAL

NOVA SEDE DO P.S.

O Partido Socialista abriu em Lisboa uma nova sede, situada na Avenida Almirante Reis, 110-1.º, fundamentalmen-

te destinada ao núcleo de Arruéis e onde os simpatizantes da zona poderão obter as informações e esclarecimentos necessários.

«DINHEIROPARADO» PODE SER «DINHEIROPERDIDO»



Ó Ermengarda, qual é a arca onde combinámos guardar o baú do dinheiro?!

Do seu «dinheiroparado» faça «dinheirodepositado»

«Dinheirodepositado» é «dinheirovivo»

É rendoso para si e para o nosso país

As taxas de juros aumentaram! Vão de 2,5% a 8%

É o que lhe diz o

Bip

UM BANCO COM MUITO PARA FAZER (CONSIGO!)

Para informações mais detalhadas, consulte-nos através da nossa Sede, na Avenida Fontes Pereira de Melo, 7-13 - Lisboa 1 - Tels 53 46 40, 56 27 55

Nome _____

Morada _____

Tel. _____

BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS

LISBOA - PORTO - COIMBRA - ARDUCA - CASCAIS - FUNCHAL (MADEIRA) - MATOSINHOS - RIBEIRA GRANDE (AÇORES) - VALPAÇOS

NACIONAL

ALMEIDA SANTOS EM DJAKARTA:

"A independência total de Timor não é uma solução realista"

DJAKARTA, 17 (F.P.) — O ministro português da Coordenação Interterritorial chegou ontem a Djakarta para conferenciar com os dirigentes indonésios acerca do futuro do território português de Timor cuja parte sul da ilha está controlada pela Indonésia.

Santos declarou à sua chegada não julgar que a independência total fosse uma solução realista para Timor onde a maior parte da população parece desejar manter certos laços com Portugal. O ministro português sublinhou que um Timor independente não era viável economicamente e que este território podia cair sob a influência dum novo colonizador. Portugal, indicou o dr. Almeida Santos, não tem interesses particulares em Timor, mas sim uma questão de honra e de prestígio.

O dr. Almeida Santos, que regressa de Macau e de Cambera, onde conferenciou com o Governo australiano acerca do problema de Timor, indicou que a Austrália achava perigoso para a segurança da região o nascimento de um Timor livre e fraco. Almeida Santos indicou que o Governo português ia decidir agora a melhor forma de iniciar o processo de

descolonização de Timor. O Governo português submeter-se-á à decisão dos eleitores de Timor que vão votar no próximo ano, quer pela manutenção dos laços com Portugal, quer pela ligação da ilha à Indonésia — afirmou o dr. Almeida Santos.

O ministro português irá no sábado a Dili, capital do sector português de Timor.

EM CAXIAS

CARLOS MACHADO RECUSA-SE A FALAR

O ex-director do «Jornal do Comércio», Carlos Machado, que continua detido em Caxias, recusou-se a fazer quaisquer declarações aos jornalistas. Continua, entretanto, sem se saber o motivo exacto da sua detenção.

Segundo o filho, também em-

pregado no referido jornal, Carlos Machado encontrava-se em Vigo desde 25 de Setembro, atravessou a fronteira e veio apresentar-se à sede da Comissão de Extinção da P.I.D.E./D.G.S., de onde o transportaram para Caxias.

Polonsky em Vila Franca

Procedente de Paris, chega ainda esta tarde a Lisboa o economista francês Michel Rocard que se desloca ao nosso país a convite do Instituto de Aperfeiçoamento Técnico Acelerado. Amanhã, às 9 e às 21 horas, proferirá duas lições na Sociedade de Geografia.

O Cineclube de Vila Franca de Xira promove amanhã, pelas 21 e 30, a exibição do filme «O Vale do Fugitivo». Trata-se da obra mais representativa do realizador Abraham Polonsky.

Aqui se assinala o esforço do Cineclube de Vila Franca para proporcionar aos seus associados filmes da qualidade do agora anunciado.

TRABALHADORES DA LISGRÁFICA ESCLARECEM A SUA POSIÇÃO

«Solidários com o ideário do Movimento das Forças Armadas», os trabalhadores da Lisgráfica — Impressão e Artes Gráficas, S.A.R.L., divulgaram um comunicado, assinado pelo seu conselho representativo, em que esclarecem afirmações constantes de um texto dimanado do M.D.P./C.D.E. e publicado na imprensa, dias antes da chamada «Manifestação da maioria silenciosa».

Afirmam os trabalhadores da Lisgráfica:

«Confirmamos que, na verdade, foram impressos nesta empresa uns cartazes da chamada «manifestação da maioria silenciosa» de apoio ao general Spínola e ao M.F.A. que só de madrugada do próprio dia deixou de ter reconhecimento governamental, como é do conhecimento geral. De salientar que, nos cartazes feitos nesta empresa, constava de modo bem visível o local onde foram impressos, ao contrário de outros identificados com a mesma manifestação em que a empresa gráfica que os executou não identifica o seu nome.

«Afirmamos também, no mesmo comunicado, o M.D.P./C.D.E. que o dono da Lisgráfica, dr. Brás Monteiro», edita o jornal «O Bandarra». Sendo a Lisgráfica uma sociedade anónima, o referido senhor não é o dono mas um dos accionistas, exercendo o cargo de presidente do conselho de administração. O conselho de trabalhadores da Lisgráfica repudia a forma

tendenciosa deste comunicado, pois este jornal nunca foi por nós executado.

«No mesmo comunicado do M.D.P./C.D.E. afirma-se, igualmente, que este administrador da Lisgráfica se prepara para editar em breve o jornal independente e conservador «O Tempo». Acerca desta afirmação, foi o próprio director indigitado deste jornal, sr. Nuno Rocha, em comunicação para a imprensa, que a desmentiu.

«Talvez por falta de informação, o M.D.P./C.D.E. não saiba que somos uma empresa gráfica que sobrevive da encomenda que lhe sejam entregues para execução. Assim, só foi divulgado no seu comunicado determinado tipo de trabalhos por nós executados, desconhecendo, talvez, que, entre outros, fazemos as seguintes encomendas: livro «25 de Abril» onde são narrados cronologicamente todos os momentos da jornada gloriosa da Libertação Nacional; o livro «P.I.D.E.», onde são descritos os horrores sofridos pelos portugueses que caíram nas garras

da máquina de repressão fascista; o jornal «Revolução», órgão do Partido Revolucionário do Proletariado (P.R.P.); revistas como «Pé de Cabra», «Gaioia Aberta», «Olho Vivo», «Os Ridículos», «Revista de Armada», etc., provando, assim, que a nossa empresa, desde que o Governo Provisório e o M.F.A. não proibam, está aberta a todo o tipo de trabalho e tendências políticas.

«Aproveita, também, o conselho de trabalhadores da Lisgráfica para confirmar que a sua empresa não tem qualquer ligação com a Impremate/I.T.T., além das relações estritamente comerciais.»

JORNADA DE TRABALHO

Entretanto, em assembleia geral, os trabalhadores da Lisgráfica decidiram, por unanimidade, destinar à Associação dos Deficientes das Forças Armadas o produto do trabalho realizado no domingo, 6 de Outubro. O montante dos salários dessa jornada cifra-se em 24 523\$30.

CÂMARA DE LISBOA EM SESSÃO PÚBLICA

À hora de esta edição começa a circular encontra-se reunida a comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, sob a presidência do eng. Caldeira Rodrigues. Trata-se da primeira sessão pública do grupo de municípios convidados a suceder à antiga verbação, o número dos quais se contam individualidades como o director-geral dos Transportes Terrestres, um operário, um estudante e o director-adjunto do nosso jornal.

Entretanto o presidente da comissão exarou um despacho, publicado no «Diário Municipal», onde refere a «necessidade urgente» de se proceder à reestruturação dos serviços camarários. «Os condicionalismos urbanísticos, de habitação, de equipamento, de transportes, de saneamento, de grandes vias de comunicação

e outros» — escreve o eng. Caldeira Rodrigues — «não se compatibilizam com os limites concelhios existentes e, dentro das directivas governamentais, devem ser extensivos aos concelhos limítrofes».

«Racionalização» e «maior eficiência» são as metas deste trabalho, a que está mais de perto associado o vogal Felicidade Alves. Para se ter uma ideia da complexidade da reestruturação bastará lembrar que a Câmara Municipal de Lisboa conta com cerca de 10 000 funcionários.

O PATRÃO NÃO PAGA O SALÁRIO MÍNIMO

PORTO, 17 — Desde há dias, e por o patrão se recusar ao pagamento do salário mínimo, estão em greve, na fábrica de plásticos «Soretri», situada à Rua da Venda Nova, 295, em Rio Tinto, cerca de 120 trabalhadores, 40 homens e 80 mulheres. O caso foi já exposto ao Sindicato e ao Ministério do Trabalho.

Mulher só carbonizada na cama

PORTO, 17 — Esta manhã, cerca das 7 horas, manifestou-se fogo em uma modesta casa térrea, em Espinho, situada na Rua 30, junto à Escola Industrial. Foram requisitadas as duas corporações de bombeiros daquela cidade que ao chegarem ao local encontraram carbonizada e na cama a única locatária da humilde habitação: Maria Lopes, de 68 anos, viúva, doméstica. Trata-se de uma doente mental e supõe-se que o fogo tivesse sido originado por uma vela.

teatro desmontável L. Martin Moniz metro Socorro

ADOQUE grupo de teatro apresenta todas as noites 2 SÊSSÕES: 20 e 45 e 23 horas Domingos: Matinée 16 h. 4ª-feira: DESCANSO

PIDES NA GRELHA Não aconselhável a menores de 18 anos com: Henriqueta Maya, Rui Mendes, Nicholson, Henrique Viana, Helena Isabel, Magda Cardoso, Maria Tavares, Carlos Gonçalves, Vilaverde, Lia Sena, Fátima Veloso, Rosa Vendrell, Luisa Nunes, Natália de Sousa.

COMUNICADO

Durval Rosário Marcelino declara que foi apurado ser falsa a denúncia, que apareceu anonimamente escrita em algumas paredes de Lisboa, de o signatário e seu filho Luís Filipe pretenderem passar ilegalmente divisas, acusação em virtude da qual esteve detido em Caxias.

SITUAÇÃO DA MULHER NA CHINA POPULAR

PEQUIM (FP) — Há tempos que as reportagens dos jornais, as peças de teatro, e até a história antiga da China, são utilizadas para demonstrar a falsidade da tese confucionista sobre a superioridade do homem sobre a mulher. Foi-se buscar aos anais históricos da China a única mulher que ocupou o trono imperial chinês: Wu Tze-Tian. O «Boletim da Universidade de Pequim» fez uma calorosa apologia desta imperatriz, apresentando-a como uma anticonfucionista convicta e lutando contra os reaccionários aristocratas.

Administrador detido

BEZIERS (F.P.) — O administrador de uma das maiores empresas de construção civil no Sul da França e também presidente da associação de rãguebi de Beziers, foi preso por burla e bancarrota, e não cumprimento da legislação das companhias. Trata-se de George Mas que, em Maio, tinha sido passeado a ombros em Beziers por ter levado pela terceira vez à vitória o clube de rãguebi da cidade nos campeonatos de França da modalidade.

A falência anda por 50 milhões de francos. A empresa «Astre et Compagnie» empregava 1.500 pessoas e possuía várias filiais.

tando-a como uma anticonfucionista convicta e lutando contra os reaccionários aristocratas. Wu Tze-Tian felicitou-se muitas vezes por ser «azoragada de ferros dos senhores e nobres em oposição contra a corte imperial, abafou várias rebeliões e conspirações, ao passo que, sustentava o boletim, detraía as pessoas do povo a possibilidade de exprimirem as suas queixas e encorajara os cidadãos a denunciar e desmascarar os elementos nocivos.

Wu Tze-Tian — diz a revista — favoreceu o desenvolvimento da agricultura, fortificou as fronteiras, implantou colónias, e ocupou-se também da literatura e arte.

Os elogios prodigados pela revista à antiga imperatriz visam, evidentemente, mostrar que as mulheres são capazes de desempenhar um grande papel político. Aliás as chinesas têm à sua vista o exemplo da sra. Chiang Ching, mulher do presidente Mao e que há vários anos figura entre os principais dirigentes do Partido Comunista Chinês. Por outro lado, a promoção da mulher chinesa parece acentuar-se pois recentemente no Ministério dos Estrangeiros diversas mulheres vêm ocupando funções importantes. Um vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, quatro outras de directoras adjuntas.

Autocarros eléctricos sem ruído e poluição

Os acumuladores, montados num rebocador atrelado ao autocarro. A operação, muito simples, dura só quatro minutos. O autocarro accionado por baterias eléctricas vai também ser utilizado em Dusseldorf em duas novas carreiras.

MOENCHENGLADBACH (Renânia-Vestfália) (F.P.) — Começou a funcionar na terça-feira nesta localidade a primeira carreira regular com autocarros alimentados por acumuladores. Este novo veículo, cuja autonomia é de 80 quilómetros, apresenta a vantagem de não fazer nenhum barulho e de não poluir a atmosfera.

Estudado pela firma M. A. N., custou 10 milhões de marcos e pode rodar à velocidade de 70 km/h.

De duas em duas horas, no término da carreira, mudam-se

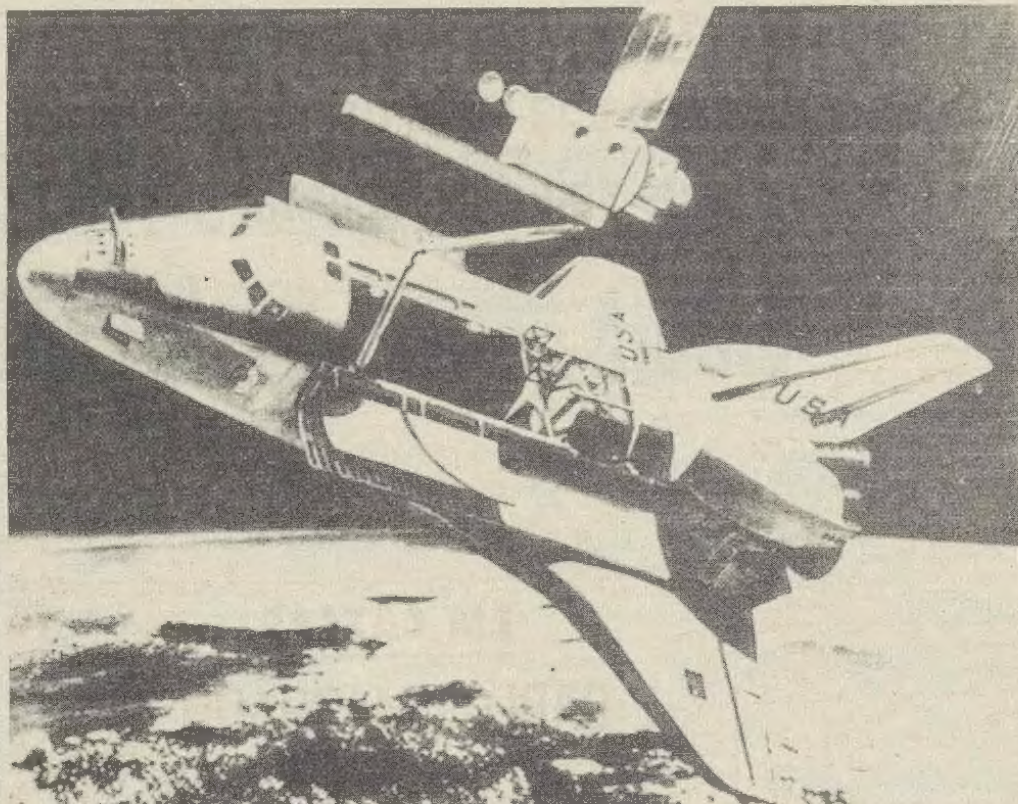
o mordaz político francês ocupou a pasta dos Negócios Estrangeiros quando Valéry Giscard d'Estaing se tornou presidente. Entretanto, os colaboradores de Giscard revelaram não oficialmente que «a França não mudará a sua política de independência para com os Estados Unidos, mas seremos mais delicados».

«French Connection» no tráfego de drogas para os Estados Unidos até à recusa norte-americana do plano do antigo presidente francês Georges Pompidou para um acordo «entre os quatro grandes» para a paz no Médio Oriente.

Para Jobert, os planos de Kissinger para uma Nova Carta do Atlântico e para uma organização de consumo da qual fariam parte a Europa, os Estados Unidos e o Japão para negociar com os países árabes produtores de petróleo eram ambos «actos puramente políticos, uma bri-

A agência Nova China regista que num dos bairros de Pequim 95 por cento dos quadros dirigentes dos Comitês de Habitantes são mulheres. Nos campos, entretanto o movimento a favor da igualdade feminina parece encontrar-se em pleno desenvolvimento. As camponesas de uma comuna da província de Chekiang constituíram-se em «comité» de estudo das obras do presidente Mao, e os maridos respectivos informados de que «os tempos mudaram», vão-se ocupando de algumas tarefas caseiras.

Em Pequim circula o rumor, persistente, de que no próximo ano os vestidos e as saias vão substituir as calças e os «dolmans» ainda predominantes na maneira de vestir das chinesas. Já em Xangai, segundo viajantes, as mulheres estão cheias de vestidos femininos de cortes e cores muito variados. Quer dizer, o movimento pela igualdade das mulheres e homens, não tem por objectivo fazer da chinesa uma cópia «unissex» do homem.



Os engenheiros da agência espacial norte-americana descobriram um meio de reparar e actualizar os satélites colocados em órbita, evitando assim a necessidade de lançar um novo satélite sempre que surge uma falha. O esquema baseia-se no aproveitamento das possibilidades proporcionadas pela nave espacial de vaivém que está a ser construída para utilização no final da presente década. Esta inovação permitirá reduzir consideravelmente os custos da exploração espacial dos EUA. (Telefoto UPI-Telimprensa)

WILSON TINHA RAZÃO

Exclusivo «Le Monde» — «DL»

Wilson ganhou então a partida. Ao convocar os eleitores às urnas pela segunda vez em menos de um ano, correu um risco calculado. O facto de a participação no «escrutínio» ter sido inferior a 3 de Fevereiro (embora forte) testemunha um certo cansaço da opinião perante estes jogos de príncipes, mas a vitória conseguida pelo Labour mostrou que Wilson tinha razão.

Os motivos que levaram os eleitores a preferir Wilson a Heath são particularmente complexos, mas é quase certo que o factor determinante foi o recelo de ver os conservadores em luta com os sindicatos, mais de-

cidados que nunca a não toleraram que sejam os assalariados a fazer as despesas da crise económica. Perante a aproximação dum Inverno difícil, a opinião inquietou-se com uma inflação, que parece impossível de julgar, e com uma taxa de desemprego que vai subindo, lenta mas seguramente. A recordação do Inverno de 1973 — quando a indústria foi reduzida à semana de três dias de trabalho numerosos lares se viram privados de gás e electricidade por causa da greve dos mineiros — continua a pesar na imagem dos conservadores. Apesar dos seus apelos à unidade nacional, Heath ficou marcado como o «homem do confronto». Talvez o partido «Tory» tivesse podido alterar esta tendência, se o seu dirigente, sacrificando-se no altar da unidade, tivesse renunciado a ser chefe do gabinete de união nacional, que ele aliás preconizava, sem convicção. Apesar das pressões discretas de que parece ter sido objecto, Heath nunca encorrou esta eventualidade muito a sério.

Nada está menos demonstrado que a eficácia do «pacto social» acordado entre o Labour e os sindicatos. A trégua de que Wilson beneficiou na frente social, a partir de Fevereiro, e o conjunto de medidas «igualitárias» adoptadas pelo seu governo durante a sua curta legislatura, fizeram com que numerosos eleitores ficassem com a impressão de que o primeiro-ministro se livraria mais facilmente desta situação crítica do que Heath.

Se a viragem à esquerda é nítida, a extrema-esquerda parece continuar mantida à distância. A situação de Wilson teria sido paradoxalmente mais difícil, se se tivesse verificado realmente a maioria esmagadora que se previa. Nessa altura, teria sido realmente difícil fazer orelhas moucas às reivindicações de Michael Foot e Wedgwood-Benn a favor de nacionalização.

Aumento populacional maior que o previsto

WASHINGTON, 17 — (F. P.) — A população teria já ultrapassado os quatro mil milhões de habitantes no princípio do presente ano, pois estaria a aumentar mais depressa do que o previsto — segundo uma organização particular sobre o meio ambiente, a qual procedeu a uns

lizações maciças e da retirada pura e simples da Comunidade Europeia.

Wilson, com uma «working majority» — maioria de trabalho — que lhe permite governar, continua, no entanto, à mercê de algumas defecções, ainda que a derrota eleitoral dos deputados Taverne, Mayhew e Milne (os quais, por diversas razões, saíram do Labour) não seja muito encurtadora para os que estivessem tentados a seguir-lhes o exemplo. Os nacionalistas escoceses e galeses, que registam nítidos progressos, dar-lhe-ão sem dúvida o seu apoio na esperança de que ele traia as suas aspirações em conta.

O chefe do Labour não terá ao princípio muita dificuldade com que os seus companheiros de caminhada «compartilhem» dos seus pontos de vista sobre as medidas destinadas a combater a crise económica. Mas terão elas eficazes? De qualquer maneira, a precária unidade do partido corre o risco de encalhar na construção europeia. Há poucas hipóteses de a sua ala esquerda ou os nacionalistas escoceses consentirem que Wilson se esqueça de ter prometido uma consulta popular sobre a adesão da Grã-Bretanha à CEE nos doze meses posteriores à sua vitória.

Se, como se diz, Wilson é pessoalmente favorável à manutenção do seu país na Comunidade Europeia (o que parece acontecer também com os principais ministros do seu Governo) então ele precisará de toda a habilidade para evitar que esta consulta venha a dar resultados opostos aos pretendidos.

poucos de meses de investigação. Diz a organização que os cálculos democráticos pecam por defeito, a partir de 1945. Assim atribuem à China menos do que os 800 milhões que as autoridades de Pequim recentemente anunciaram.

ESTADO DO MUNDO

VISITA A MOSCOVO

O ministro egípcio Fahmi elogia armas soviéticas

MOSCOVO, 17 — (R) — O ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Ismail Fahmi, referiu-se a novas conversações soviético-egípcias sobre armamento, ao aludir em termos elogiosos a armas soviéticas empregadas na guerra de Outubro último no Médio Oriente.

Declarou num banquete oferecido ontem, à noite, nesta capital pelo seu homólogo soviético, Andrei Gromyko, que a material de guerra «deixa uma maior dimensão à substância da nossa cooperação e interacção».

Falando na véspera do terceiro dia de diálogo com dirigentes soviéticos, o ministro disse que as relações bilaterais não foram afectadas pelas dificuldades recentes e que não existiam problemas insolúveis entre os dois países.

A sua visita a Moscovo, adiada em Junho, no meio de indícios de grande tensão egípcio-soviética, fora coroada de êxito no primeiro dia, quando foi anunciado que o secretário do partido comunista, Leonid Brejnev, visitaria o Cairo, em Janeiro.

Ontem, militares de alta patente que acompanham o ministro, tendo à frente o chefe do Estado-Maior do Exército, tenente-general Mohammed Abdel-Ghani Gamassi, iniciaram conversações com encarregados da defesa soviética.

O presidente Anwar Sadat criticou recentemente os fornecimentos soviéticos e afirmou que procuraria obter armas noutro lado. No entanto, deparando aparentemente com um malogro ao procurar conseguir esse objectivo, segundo julgavam observadores, o Egípcio esforçar-se-ia para que recomencessem as remessas soviéticas.

ARAFAT EM RABAT

RABAT, 17 — (F.P.) — O presidente da Comissão, Executiva da Organização da Libertação da Palestina, Yasser Arafat, efectuou uma breve visita a Rabat, na manhã de ontem. Foi recebido pelo Rei Hassan II, na presença do primeiro-ministro, Ahmed Osman, do ministro dos Estrangeiros, Ahmed Laraki, e do representante da OLP em Marrocos, Afu Maruan. Segundo se julga, esta reunião teria a ver com a próxima cimeira árabe e com a evolução do problema da Palestina.



Um camião incendiado bloqueou durante algum tempo uma estrada da zona de Belfast, quando eclodiram manifestações de apoio a presos amotinados na cadeia de Maze. Entretanto, mulheres da cadeia de Armagh, que também se haviam revoltado, libertaram o governador da prisão e três guardas que elas mantinham como reféns, depois de lhes ter sido assegurado que os presos de Maze não seriam maltratados. (Telefoto UPI-Telimprensa).

Troca de prisioneiros políticos chilenos?

SANTIAGO DO CHILE, 17 — (R) — Um enviado da Cruz Vermelha Internacional chegou a noite passada a Santiago, vindo de Genebra, no meio de notícias de que ele vinha desempenhar o papel de intermediário confidencial numa troca de presos políticos entre o Chile, Cuba e União Soviética.

Círculos bem informados desta cidade disseram que o funcionário era portador de uma lista de 100 detidos chilenos que os soviéticos desejavam que fossem postos em liberdade como parte do acordo.

A lista incluía Luis Carvalan, antigo secretário-geral do Partido Comunista chileno, que se encontra na prisão desde a sua detenção pela Junta Militar, acrescentaram as referidas fontes.

Declinando confirmar as notícias, Denis Feldmeyer, apenas declarou: «Nada tenho de declarar».

Memórias da B.B.

PARIS, 17 — (EFE-ANI) — Brigitte Bardot começou a escrever as suas memórias a um ritmo de três folhas diárias.

A actriz prometeu «desnudar-se e desnudar» literariamente todos os personagens mundanos dos últimos vinte anos.

BB, que acaba de passar a barreira dos 40 anos, revelou a alguns amigos do mundo do espectáculo o seu desejo de montar uma comédia musical do tipo Broadway ou uma revista ao estilo «Folies Bergères».

Companhias de aviação suspendem concorrência

NOVA YORK, 17 — (R) — As duas principais companhias aéreas internacionais norte-americanas, a Pan American World Airways e a Trans World Airlines, assinaram ontem um acordo terminando com a concorrência em algumas rotas por um período de cinco anos.

As companhias, gravemente atingidas pelo aumento do custo do combustível e pelo declínio do número de passageiros, disseram em um comunicado que o acordo nada tinha a ver com as actuais conversações sobre uma possível fusão.

O acordo — o qual só deverá entrar em vigor em 1 de Fevereiro — necessita ainda da aprovação do Conselho de Administração das duas companhias e da Direcção da Aeronáutica Civil.

SUSPENSÃO DE VOOS PARA PORTUGAL

A TWA suspenderá os seus serviços para a Alemanha Ocidental, através do Pacífico e Leste da Arábia Saudita. Por seu turno, a Pan American suspenderá os serviços para França, Portugal, Espanha e Casablanca com excepção da sua carreira Miami-San Juan-Lisboa, Madrid e Roma.

Numa declaração, as companhias disseram: «Esta mudança de rotas, quando aprovada, e posta em execução, representará um significativo benefício nas condições financeiras, tanto da TWA como da Pan Am».

O comunicado de ontem segue-se a uma recusa governamental, através do Pacífico e Leste da Arábia Saudita, por seu turno, a Pan American suspenderá os serviços para França, Portugal, Espanha e Casablanca com excepção da sua carreira Miami-San Juan-Lisboa, Madrid e Roma.

TRANSFERÊNCIA PARA A O.U.A. DA RESPONSABILIDADE EM RELAÇÃO À RODÉSIA PEDIDA NAS NAÇÕES UNIDAS

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 17 (R) — Uma destacada organização nacionalista rodésiana africana pediu a noite passada à O.N.U. para transferir para a Organização da Unidade Africana (O.U.A.) a responsabilidade britânica em relação à Rodésia.

Noel Gabriel Mukono, ministro dos Negócios Estrangeiros da União Nacional Africana Zimbabwe (Z.A.N.U.), afirmou que a sua organização tinha já o controlo efectivo de grandes áreas da Rodésia.

«A O.N.U. deveria aceitar a Z.A.N.U. como o único e legítimo representante do povo de Zimbabwe», declarou Mukono na Comissão de Curadorias e de Territórios Dependentes das Nações Unidas.

Salientando o contraste entre as políticas do actual Governo de Lisboa e o da Grã-Bretanha, Mukono notou que Portugal conservava o controlo sobre as comunidades portuguesas nos seus territórios africanos.

Contudo, «a Grã-Bretanha abdicara subtilmente das suas responsabilidades directas e do controlo sobre a comunidade de colonos na Rodésia rebelde e deixara os africanos de Zimbabwe à mercê do feroz regime de colonos brancos», disse.

Devido à política britânica, «o nosso partido, o Z.A.N.U., é da opinião que a Grã-Bretanha não tem mais à disposição, o Poder ou o direito de iniciar uma conferência constitucional sobre Zimbabwe», prosseguiu Mukono. «Além disso, a Z.A.N.U. não está disposta a negociar a independência de Zimbabwe com o regime ilegal de colonos-bandidos racistas, governando sob uma Constituição ilegal».

INTENSIFICAR A GUERRA

A exploração dos africanos pelos brancos rodésianos estava a polarizar cada vez mais as reacções do território, e, a não ser que a Rodésia branca entregasse o Poder, Z.A.N.U. «continuará a intensificar a "Chimurenga" (guerra de libertação nacional)», observou.

Entre Maio e Agosto deste ano, a ala armada da Z.A.N.U., «matara 109 soldados inimigos, destruiu cinco acampamentos e 17 camións inimigos, abateu três aviões inimigos e danificou mais cinco», obtendo o controlo sobre quase metade do território.

Como resultado disso, declarou Mukono, o jornal «The Rhodesia Star» anunciara, em Julho, que 60 mil africanos seriam transferidos da terra tribal de Chiveshe para aldeias protegidas, por causa de ameaças terroristas.

Mukono continuou asseverando que armas britânicas eram vendidas à África do Sul pela Jordânia, a fim de seguirem para a Rodésia, a despeito do embargo comercial imposto pelo Conselho de Segurança da O.N.U., e que a maioria das firmas operando na Rodésia eram britânicas.

«É nossa opinião que as Nações Unidas devem deixar de conceder o seu reconhecimento à Grã-Bretanha como a potência administradora de Zimbabwe e transferir para a O.U.A. a responsabilidade internacional da questão de Zimbabwe», acrescentou o alto funcionário da Z.A.N.U.

Defendendo o papel da Grã-Bretanha na Rodésia, o embaixador Jamil Barroody, da Arábia Saudita, declarou que aquele país não podia permitir-se atacar o regime rebelde político ou economicamente. Um ataque provocaria a queda de qualquer Governo britânico e causaria a anarquia», notou.

Barroody aconselhou os africanos a acabarem com a ocupação por meios violentos de território na Rodésia e, em vez disso, recorrerem à desobediência civil.

GRACAS À NOVA LEI

CINCO MILHÕES DE ELEITORES

A primeira parte da Lei Eleitoral que há-de reger as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte e que diz respeito ao conjunto de normas que se refere ao recenseamento, já foi aprovada pelo Governo Provisório e será apreciada na próxima reunião do Conselho de Estado. A segunda parte, que refere os módulos da mecânica eleitoral, está em elaboração. No texto de introdução a esta primeira parte da Lei, escreve-se:

«As condições de acesso ao sufrágio constituem índice seguro da medida em que se confere aos cidadãos, ou apenas a parte deles, uma posição interessada e activa nos destinos do Estado.

«Um sufrágio que de «universal» tem apenas o nome é, por si só, a negação do princípio democrático. «Entre as medidas imediatas previstas no Programa do Movimento das Forças Armadas, tornado público em 26 de Abril, talvez a mais importante pelo seu significado político e pelas suas consequências quanto ao futuro do povo português seja a que determina a convocação de uma Assembleia Constituinte, eleita por sufrágio universal, directo e secreto, segundo lei a elaborar pelo Governo Provisório. Com tal medida, o Movimento das Forças Armadas marcou a sua determinação de instituir um sistema democrático em Portugal».

De notar que o ministro Victor Alves afirmou ontem à Imprensa que o Movimento das Forças Armadas cumprirá inexoravelmente a data prevista para as eleições na Lei Constitucional n.º 3, de 1 de Março de 1975. E também que esta Lei apenas diz respeito ao acto eleitoral para a Assembleia Constituinte.

A Lei Eleitoral, que de foram agora divulgadas as normas regulamentares ao recenseamento, regulará «as primeiras eleições que, desde há dezenas de anos, vão efectuando no País com a intenção deliberada de apurar a vontade do povo e a imparcialidade que, por virtude disso, pedagogicamente delas poderá resultar para a formação de uma consciência popular democrática, não parece carecer de demonstrações».

VOTO AOS DEZOITO ANOS E AOS ANALETOS

Nesta Lei reconhece-se o direito de voto não só aos cidadãos maiores de 18 anos, sem distinção de sexos, como igualmente aos analfabetos, cumprindo-se assim o imperativo democrático que confere ao povo a verdadeira soberania. O reconhecimento dar-se-á por completo com a emissão do cartão de eleitor, destinado a garantir a unicidade do voto, o que surge igualmente pela primeira vez no nosso direito eleitoral. Também é concedido o direito de voto aos portugueses residentes fora do continente e das ilhas adjacentes, ou seja nas antigas colónias e no estrangeiro, mas só no caso de terem filhos menores ou conjúge a residir habitualmente no território português ou dele haverem saído há menos de cinco anos.

Saneamento nas Belas-Artes

A Comissão de Apoio ao Saneamento e Reclasseificação iniciou funções na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, e encontra-se à disposição de todos os interessados, nas instalações da Escola, para quaisquer esclarecimentos sobre o assunto. Entretanto, estão afixados na Escola, e serão enviados a todos os que o solicitarem, os nomes e orientações que regem as actividades da dita Comissão e as vias processuais a utilizar.

O prazo de entrega de queixas na Comissão Ministerial para o Saneamento e Reclasseificação, no M.E.C., termina no próximo dia 15 de Novembro.

verem saído há menos de cinco anos. Graças à nova Lei, no recenseamento deverão ser inscritos mais de 5 milhões e meio de eleitores — em quanto o de 1973 tinha cerca de 1 800 000. Para que um recenseamento de tal amplitude seja levado a bom termo, em tão curto espaço de tempo, espera o Governo Provisório uma activa participação dos partidos políticos e dos movimentos democráticos.

ELEGÍVEIS E INELEGÍVEIS

O artigo 3.º da Lei, que trata das «Incapacidades eleitorais», vega o direito de voto aos interditos por sentença com trânsito em julgado ou em virtude da anomalia psíquica, surdez-mudez ou cegueira, aos notoriamente reconhecidos, como dementes, ainda que não estejam interditos por sentença, quando internados em estabelecimento psiquiátrico, ou como tais declarados por uma junta de dois médicos, aos definitivamente condenados a pena de prisão por crime doloso enquanto não hajam expiado a respectiva pena e os que se encontram judicialmente suspensos dos seus direitos políticos.

Quanto aos cidadãos elegíveis para a Assembleia Constituinte, o artigo 5.º, confere elegibilidade a cidadãos eleitores maiores de 21 anos. Sublinhe-se que os funcionários civis do Estado, ou de outras

pessoas colectivas públicas, podem candidatar-se a deputados à Assembleia Constituinte sem dependência de autorização hierárquica. São inelegíveis: os que tenham a cidadania portuguesa há menos de 15 anos; os que não saibam ler e escrever em português; os que não residam no território eleitoral (que é o concelho, Açores e Madeira) há pelo menos seis meses contados em relação à data da marcação das eleições, salvo os que se encontram fora dele em virtude de missão do Estado ou de serviço público; os magistrados judiciais ou do Ministério Público enquanto prestarem serviço activo. Na ordem das incapacidades civis, estabelece-se no artigo 8.º: «O Governo Provisório estabelecerá por decreto-lei quais os cidadãos a quem, por motivo de exercício de determinadas funções públicas ou participação em organizações antidemocráticas antes de 25 de Abril de 1974, não é conferido a capacidade de eleitores para a Assembleia Constituinte.

«No diploma referido será igualmente estabelecida a indicação dos eleitores, que, pelos motivos aí conferidos, são inelegíveis para a Assembleia Constituinte».

NORMAS PARA O RECENSEAMENTO

O recenseamento eleitoral será organizado por freguesias, elaborada

do através de cadernos, não figurando nunca em cada um desses cadernos mais de mil eleitores, para o que se usará quantos cadernos forem necessários. Todo o eleitor tem o dever de se inscrever no recenseamento e, em caso de erro ou omissão, o direito de requerer a respectiva inscrição. O eleitor que recusar o preenchimento ou a assinatura do verbete de inscrição (esta assinatura, para os analfabetos pode ser substituída pela mera impressão digital do interessado), no intuito de impedir a sua inscrição, será punido com a pena de prisão até seis meses e multa de mil a cinco mil escudos. Se o facto for praticado por qualquer membro da comissão de recenseamento, delegado do partido político ou membro da comissão auxiliar, a pena pode ir de seis meses a um ano de prisão.

No caso dos emigrantes, a recenseamento será organizado por consulados e no caso dos residentes nas antigas colónias portuguesas por unidades territoriais a definir pelo representante do Estado português no Governo local. Ninguém pode estar inscrito mais de uma vez num único recenseamento. Por sua vez, os partidos políticos poderão cooperar com as comissões de recenseamento de cada freguesia, que, naturalmente, funcionarão nas sedes das respectivas juntas.

A partir da publicação desta Lei, o Governo, pelo Ministério da Administração Interna, anunciará a

data da abertura e o prazo do recenseamento dos eleitores da Assembleia Constituinte. Também a partir da mesma data os chefes de secretarias das Câmaras Municipais e os administradores de bairro, em Lisboa e Porto, anunciarão a data de abertura e o prazo do recenseamento.

No capítulo das sanções, a Lei prevê para aqueles que se inscreverem ou promoverem inscrições de maneira dolosa, a pena de prisão que pode ir de seis meses a dois

anos e multas que podem atingir os 10 mil escudos. Do mesmo modo, todos aqueles que por violência ou artifício fraudulento constringer o eleitor a não se inscrever ou o levar a inscrever-se fora da freguesia competente ou fora do prazo, serão punidos com prisão por seis meses e multa de mil a cinco mil escudos.

Até 31 de Dezembro de 1974 as comissões de recenseamento devem ter eliminado, segundo a lei, do caderno definitivo, todas as inscrições que tenham sido consideradas indevidas.

O Tribunal Militar reduziu penas

Quatro recursos interpostos por soldados para o Supremo Tribunal Militar, tiveram como resultado, na audiência de discussão e julgamento a que presidiu o vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, a redução das penas a que haviam sido condenados.

Apenas Mutaro Jalo, natural da Guiné, e que ao tempo dos outros era soldado do pelotão de caçadores nativos do Batalhão de Caçadores n.º 4512, não viu reduzida para metade a pena de 21 anos de prisão maior em que fora condenado, por desobediência e homicídio voluntário. O Tribunal perdou-lhe 3 meses.

Também por homicídio voluntário fora do soldado Adriano Ramos, do Buçaco, condenado em 12 anos de prisão maior, que o Tribunal reduziu para 6 anos.

Os outros dois soldados — Jaime Lopes Correia, de Penacova, e Samuel de Freitas, do Funchal, condenados respectivamente por atentado ao pudor e furto e burla, viram as penas reduzidas para 3 meses de prisão e 5 anos de prisão maior, tendo a este último sido perdoadada também a pena resultante da conversão da multa de 135 dias a 300\$00 que lhe fora aplicada.

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8 535 455, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de S. Sebastião, concelho de Setúbal, de uma linha aérea a 60 kV S. Sebastião-Coima, com 15 675 m, constituída por um troço com 15 297 m que fazia parte da linha Cachofarra-Coima e por um novo troço com 378 m, da subestação de S. Sebastião ao seu poste n.º 3 (antigo 22 da linha Cachofarra-Coima).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 12 de Outubro de 1974.
O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8 535 455, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Rio Tinto, concelho de Gondomar, de uma linha aérea a 15 kV, para o posto de transformação de «Rio Tinto-Campainha», da Câmara Municipal de Gondomar, com 443 metros de comprimento, derivada do apoio n.º 1 da linha para o posto de transformação de Rio Tinto da mesma Câmara Municipal.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 7 de Outubro de 1974.
O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8 481 81, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Nogueira de Cravo, concelho de Oliveira de Azeméis, de modificação, sem aumento de comprimento, da linha aérea a 15 kV para o posto de transformação de Nogueira de Cravo, da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, com alteração do traçado numa extensão de 194 metros entre o poste n.º 20 e o posto de transformação.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 14 de Outubro de 1974.
O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8 535 593, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Alcochete, de uma linha aérea a 6 kV, com 175 m, do poste n.º 32 da linha S. Francisco-Alcochete ao posto de transformação 6-073 «Pinheiro Cercal».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 3 de Outubro de 1974.
O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8 535 593, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Alcochete, de uma linha aérea a 6 kV, com 175 m, do poste n.º 32 da linha S. Francisco-Alcochete ao posto de transformação 6-073 «Pinheiro Cercal».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 3 de Outubro de 1974.
O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins





GERAL

DA PIDE NEM OS CÃES SE APROVEITAM...

Problemas causados por lobos e cães selvagens têm preocupado sobremaneira os nossos vizinhos galegos. Disso nos dá conta o jornal «La Voz de Galicia», num dos seus números de Setembro, através de uma entrevista concedida a essa publicação por Félix Rodríguez de la Fuente, figura de primeiro plano da Convenção de Amigos da Natureza.

Que «os lobos descem ao povoado», não restam dúvidas. Que há cães selvagens «na jogada», está fora de questão. Que esses mesmos cães mantêm certo tipo de relações com os citados lobos, de tal ordem a que há, actualmente, uma espécie de raça híbrida, meio cão, meio lobo, também é certo. O que não se sabe

é de onde provêm esses cães. Mas consta que alguns deles, pelo menos, se não a sua totalidade, são os que pertenciam à PIDE portuguesa e que foram soltos depois do golpe de estado que acabou com essa organização. A isto responde Félix de la Fuente:

Não está provado que estes cães selvagens sejam os da PIDE. Mas não me custa a admitir, pois sabe-se que depois da queda do III Reich e da consequente dissolução da Gestapo alemã houve muitos problemas nas zonas montanhosas de França, e mesmo nos Pireneus, com os cães abandonados que haviam pertencido a esse corpo de polícia.

REVESTIMENTOS

Liquidação todo Stock (mudança de ramo)

Papeis pintados e vinílicos p/ paredes — alcatifas — plásticas p/ chão e paredes — tectos falsos — mosaicos — azulejos italianos, etc., etc.

Av. João Crisóstomo, 10-B (junto Casa Moeda)
— aberto até as 20 horas —

Em AGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões

Comissão administrativa da Freguesia de Paranhos

No Governo Civil do Porto decorreu o acto de posse da Comissão Administrativa da Freguesia de Paranhos, presidido pelo dr. Mário Cal Brandão, que ao usar da palavra referiu as dificuldades que os empossados irão sentir nos seus cargos, em virtude dos rendimentos escassos e das retribuições restritas do actual Código Administrativo que são enviadas às juntas de freguesia.

Salientou, ainda, que o povo deverá ser mais actuante nos negócios públicos e a necessidade de descentralização de poderes, com o intuito de se conseguir uma maior eficácia.

José de Barros Costa, presidente da Comissão Administrativa, frisou a importância da colaboração do Município com as juntas de freguesia.



OS INFATIGÁVEIS

UM NOVO ESTILO DE FATOS DE TRABALHO...

confeccionadores
Rodrigues & Rodrigues S.A.R.L. — LISBOA
Kung Portuguesa — REGUFE (Póvoa de Varzim)
Naef, Lda. — PORTO
Iporcel — LISBOA
Boardman (Portugal) — Textéis, Lda. — PORTO
Confeccões Maioral — ALMADA



um tecido exclusivo

Mindelo

NACIONAL

REVISORES DE IMPRENSA

FOCADO O ISOLAMENTO DA COMISSÃO DIRECTIVA

O isolamento em que caiu a comissão directiva do Sindicato dos Revisores de Imprensa foi um dos pontos abordados por Ernesto Sampaio durante a assembleia que ontem se realizou na sede do Sindicato dos Profissionais de Artes Gráficas e onde estavam presentes cerca de 50 pessoas.

Aquele elemento da comissão directiva referiu que depois do 25 de Abril se dera um grande afluxo de trabalhadores ao sindicato; no entanto, a partir da altura em que se começou a discutir em assembleia um projecto de estatutos para o sindicato, apresentado por um grupo de sócios, processou-se a uma cada

vez maior desmobilização dos trabalhadores, vindo-se a comissão directiva remetida para uma actividade de resolução de problemas sem a participação dos trabalhadores.

Ernesto Sampaio acabaria por fazer um apelo aos trabalhadores para que activassem a vida sindical, nomeadamente inscrevendo-se nas comissões de trabalho do Sindicato que, no momento, se encontram paralisadas.

Dúlia Rebocho, também da comissão directiva, daria por seu turno algumas informações sobre o Contrato Colectivo de Trabalho. A assembleia viria ser interrompida em virtude da maior parte da assistência ter abandonado a sala pelo que a ordem de trabalho não chegou a ser cumprida na totalidade, ficando para uma próxima reunião, a realizar na segunda-feira, no mesmo local, pelas 19 horas, a discussão do regulamento interno e eleitoral do sindicato e a discussão do aumento de quotas que a comissão directiva propõe.

Eleições na Ordem dos Advogados

Vão realizar-se, antes do fim do ano, eleições na Ordem dos Advogados para os cargos de bastonário, conselho superior, conselho geral e conselhos distritais de Lisboa, Porto, Coimbra e Évora, visto os actuais corpos gerentes findarem o seu mandato de três anos em 31 de Dezembro.

A Ordem já submeteu à apreciação do ministro da Justiça um projecto com as alterações a introduzir no Estatuto Judiciário ainda em vigor, no que se refere a eleições e tendo em atenção o que foi decidido no I Congresso Nacional dos Advogados, em Novembro de 1972 e na assembleia plenária de 11 de Maio findo. Aqui se estabeleceu o princípio do sufrágio directo de todos os ad-

vogados, em voto obrigatório e secreto, sendo vedada a reeleição do bastonário e renovados pelo menos dois terços dos quadros.

Será oportunamente anunciado o início do prazo para a apresentação das diversas candidaturas, estando os serviços da Ordem desde já à disposição dos interessados para qualquer consulta ou informação.

SINDICATO NACIONAL DOS MARINHEIROS MERCANTES

CONVOCAÇÃO

Convocam-se os Marinheiros Mercantes, na situação de desemprego, a reunir na sua sede na Calçada Salvador Correia de Sá, 42-2.º, em Lisboa, no próximo sábado dia 19 de Outubro, pelas 16 horas.

ORDEN DE TRABALHOS

1. Análise da alarmante situação de desemprego.
2. Formas de luta a adoptar.

Lisboa, 16 de Outubro de 1974.

Pel'A Direcção
O Delegado
João Martins Madeira

ELECTRODOMÉSTICOS MOBILIÁRIO



ANTES DE COMPRAR VISITE-NOS.

NÓS AINDA VENDEMOS MAIS BARATO.

DE:
A. MENDES & A. FERNANDES, LDA.
LARGO D. ESTEFÂNIA, 12-C, LISBOA
Aberto aos sábados e encerrado às 2.ª feiras de manhã

Encerramento do Ramadão

Em cerimónia religiosa que decorreu na residência do embaixador do Paquistão, os muçulmanos residentes em Lisboa assinalaram o fim do Ramadão (mês de jejum, meditação e penitência). Os presentes, designadamente todos os membros do corpo diplomático dos países islâmicos acreditados em Portugal, oraram pela paz no Mundo.

Em ALHOS VEDROS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA MODERNA

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA ANÚNCIO

Empreitada de construção da «Canalização Vila Franca de Xira - Telheiras (2.ª Fase)»

Faz-se público que deverá ser aceso no mapa de preços garantidos no Caderno de Encargos, chapa de aço com espessura inferior a 6 mm, no valor de 18800/kg. Lisboa, 15 de Outubro de 1974

Pela COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Presidente da Comissão de Fiscalização
Eng.º Henrique M. A. Oliveira Sá

O CASO DO I.P.O.

A propósito da conferência de Imprensa da Comissão de Gestão do Instituto de Oncologia Francisco Gentil, na qual foi salientada a falta de apoio aos trabalhadores por parte do Ministério da Educação e Cultura, recebemos um esclarecimento do M. E. C., o qual salienta em determinada altura: «Tomou esta direcção-geral conhecimento da decisão dos trabalhadores do Instituto de suspender o trabalho em virtude de não terem sido atendidas algumas reivindicações apresentadas a este Ministério. Não

podemos deixar de lamentar esta decisão por acreditarmos que ela não se ajusta ao comportamento que a Direcção-Geral do Ensino Superior tem assumido em relação aos problemas postos pelos trabalhadores».

Depois de analisar o processo de democratização que segundo o M. E. C., está a ser efectuado naquele Instituto, o esclarecimento do M. E. C., que transcreve uma carta enviada à Comissão de Gestão, afirma não ver razão «para a presente atitude dos trabalha-

dores do I. P. O. F. G. — que apesar de tudo, representam um sector privilegiado em relação aos trabalhadores hospitalares-injustificadamente hostil a este Ministério, perturbadora do regular funcionamento de uma Instituição que custa ao País centenas de milhares de contos por ano, aparentemente indicadora de um espírito de impaciência, alheio das dificuldades com que a Administração Pública se defronta, neste momento, para resolver os grandes problemas do País».



No Algarve Na Aldeia das Açoteias

Nos próximos dias 2 e 3 de Novembro

A 3ª Exposição Internacional Canina

Com a orientação técnica do Clube Português de Canicultura



Aproveite 6ª feira dia 1 (feriado) e venha até nós



Reservas através das Agências de Viagens ou pelos tel. 561011/9 telex 12221-LISBOA ou 0089/66387 telex 18212-ALBUQUERQUE ALGARVE Touring Club de Portugal

FILEME

15 A 20 OUTUBRO

BÖWE
GUILHOTINAS
SEPARADORAS
ENVELOPADORAS
E CONJUNTOS
ESPECIAIS

VISITE O STAND

COPINAQUE

ROSENGRENS
COFRES À PROVA
DE FOGO
PORTAS FORTES
COFRES DE ALUGUER
ARMÁRIOS
ARQUIVO

OKAFOLD
UMA
NOVIDADE NO
CAMPO DAS
ENVELOPADORAS

EQUIPAMENTOS PARA DESENVOLVIMENTO DE EMPRESAS, LDA.

FILEME/4

EQUIPAMENTO
E MOBILIÁRIO
DE ESCRITÓRIO



A MINNESOTA (3 M) DE PORTUGAL, LDA., EXPÕE NA FILEME/4: FOTOCOPIADORAS, SISTEMAS DE MICROFILME, SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO VISUAL E PRODUTOS MAGNÉTICOS «SETOCH»

Foi anteontem inaugurado o Fileme/4 — Salão Internacional de Equipamento e Mobiliário de Escritório — com a presença do Secretário da Indústria e Energia, o eng.º Torres Campos, acompanhado do arquit. Mário Bruxelas, governador civil de Lisboa, e do dr. Armando Bacelar, secretário de Estado da Administração Judiciária.

Patente no pavilhão da FIL, este certame, que por iniciativa da Associação Industrial Portuguesa se realiza pela 4.ª vez, de ano para ano tem-se mostrado como um dos mais importantes daquele ramo.

Além de Portugal estão representando na Fileme/4 a Alemanha Federal, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Japão, Noruega, República Democrática da Alemanha, Suécia e Suíça.

Verdadeiramente especializado, este «Salão» interessa em princípio aos profissionais no respeitante não apenas ao equipamento e mobiliário mas ainda à organização do trabalho administrativo e às novas técnicas de gestão e de tratamento automático da informação.



LogEtronic

ALTA FIDELIDADE EM:
— FOTOGRAFIA CIENTÍFICA
— FOTOGRAFIA AÉREA-FOTOGRAFIA
— FOTOMICROSCOPIA-ELECTRÓNICA
— RADIOLOGIA (Médica e Industrial)

Representante:
SETERCOL, LDA.
Telefones: 772377 - 778183
Distribuidores Exclusivos:
ENITOL, SARL
Av. 5 de Outubro, 96-1.º — Telef. 778296



SOC. LUBRIFICANTES INGLESSES, LDA.

AV. DA REPÚBLICA, 25 — LISBOA
Representantes exclusivos da:
KIENZLE APPARATE GMBH
ALEMANHA OCIDENTAL
— (I) —
Sistema de recolha e processamento de dados na Exploração e Produção Industriais
TACOGRAFOS PARA VIATURAS



TAPMATIC

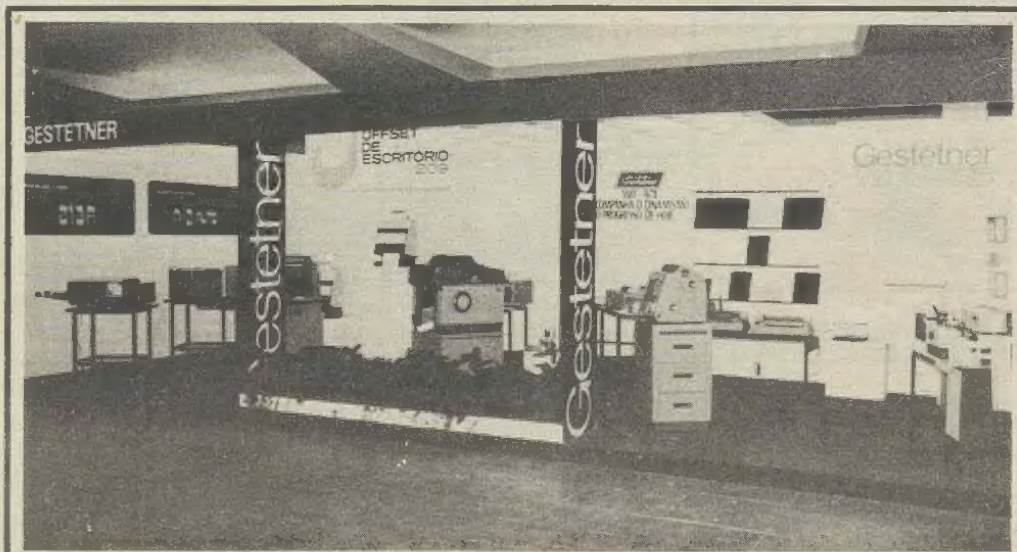
o novo Sistema Automático de Reservas e Controle de Partidas

TAP



FÁBRICA PROGRESSO MECÂNICO

SEDE: Rua do Comércio, 38 — LISBOA
FÁBRICAS: Rua João de Lemos, 9-11 — LISBOA
Rua Alfredo da Silva — Portela da Ajuda
— (I) —
Estofos para desenhadores e estudantes, clips, agramas, máquinas de furar papel, cavaleiros para pastas, etc.



A. GESTETNER, LDA.

RUA APRÍGIO MAFRA, 5 — Telef.: 725082/3/4/5

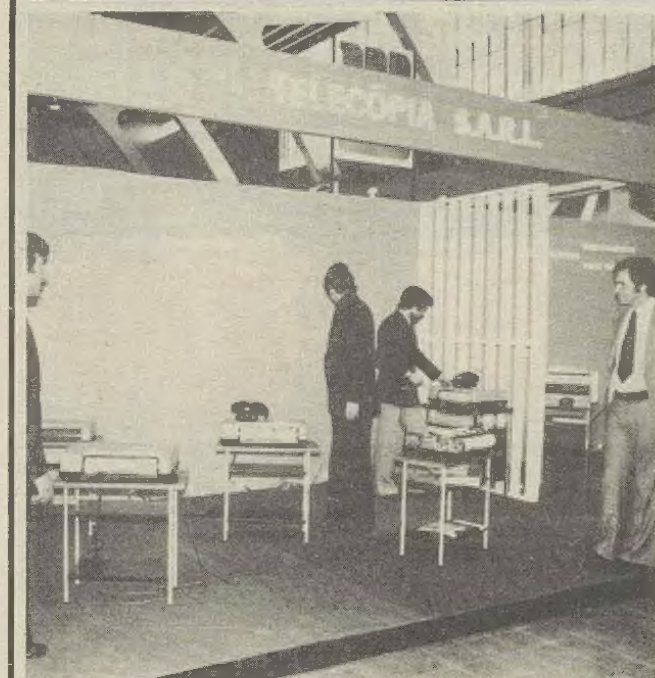
DUPLICADORES STENCIL/OFFSET
— FOTOCÓPIA —

EQUIPAMENTO
E MOBILIÁRIO
DE ESCRITÓRIO



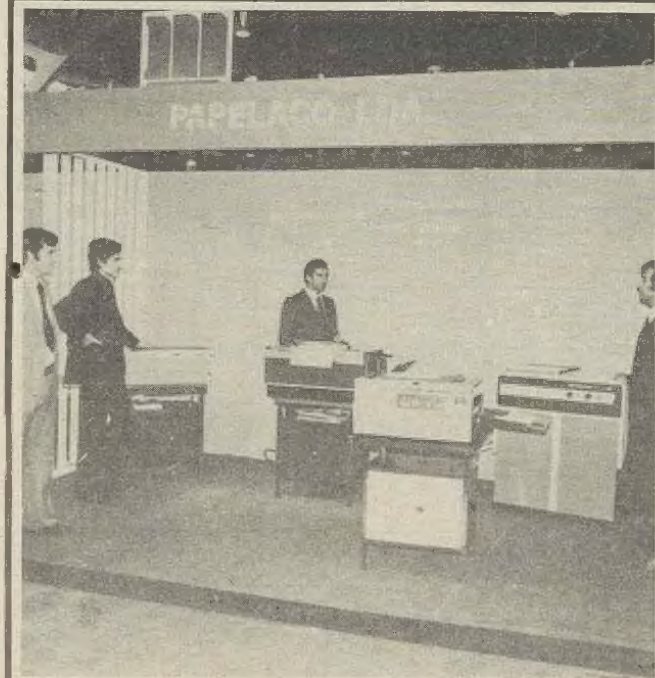
A Fileme/4 é este ano completada com jornadas de informação que, para além da já realizada ontem, se realizam hoje e amanhã às 21,30 horas e cuja finalidade é a de divulgar problemas de ordem geral ou especificamente técnicos, com vista à obtenção de soluções, transmitir conhecimentos próprios de novas técnicas e suas aplicações, tornar conhecidas as grandes linhas de reorganização administrativa visando a uma sua melhor aceitação e maior conjugação de actividades.

O horário do Fileme/4 é o seguinte: todos os dias, das 15 às 20 horas para visitantes profissionais e das 20 às 23 horas para o público em geral; nos dias 19 e 20 (sábado e domingo) estará aberto das 15 às 23 horas para o público em geral.



Telecopia - Equipamentos de Telecomunicações, S. A. R. L.

Calc. Marques de Abrantes, 104 — LISBOA 2
Tel. 6610 44 - 6612 06



PAPELACO, LDA. — CALÇADA MARQUES DE ABRANTES, 99

TEL. 66 10 44 - 66 49 86 — LISBOA 2

PODERÃO AS JÓIAS DE ARTE TORNAR-SE POPULARES?

Continuação da pág. 10

também necessidade de rigor. Aquilo que você procura é o rigor, quer dizer, a sua linearidade e de certo modo uma depuração, não será Kukus?

Eu acho que sim. E uma forma de, digamos, realização. Isto é muito difícil de dizer em palavras. Mas está mais perto daquilo que eu considero uma forma de maturidade da vida, da proximidade da verdade e da indiferença, pelo menos, enfim, se não é totalmente a indiferença, não sei muito bem, não é bem desprezo (é horrível dizer isto), mas quer dizer, por certas formas, de todas elas, desde as plásticas a forma de viver que não têm a ver com a verdade. Eu não sei.

A Kukus acabou por dizer que, afinal, a joia, como a escultura, é para si uma forma de expressão profundamente importante e de tradição da sua personalidade, da sua visão do mundo.

Da evolução da vida, da maturidade, no fundo, a meu ver é isso.

E a Kukus, na própria pesquisa de materiais, quer dizer, na luta com as resistências das matérias, também encontra uma forma de realização?

Não sei, um pouco menos. E essa experiência eu também já a fiz e até porque eu trabalhava eu própria peças e isso hoje diz-me pouco. Há uma outra que eu posso realmente fazer de princípio ao fim, mas, em princípio isso hoje em dia até já não me tem acontecido, isto não vale a pena estar a dizer, e por limitações de saúde.

Hoje o que a interessa mais é o aspecto da invenção, do que criação da forma?

Isso de executar, há muito quem execute, quer dizer, há muito quem execute mais ou menos bem e nisso eu sinto que tenho realmente até influenciado menos mal o gosto das pessoas, quer dizer, a uma vez (isto agora é tudo alambicado), o Fernando Pernes disse-me uma coisa que eu nunca mais esqueci e que para mim foi importante, que as suas coisas, isto já foi há muitos anos, podem ter até um aspecto interessante no ponto de vista didáctico, quer dizer, as pessoas através de um objecto que é uma, digamos a joia, se um objecto de trânsito, é um objecto do quotidiano, tem uma relação muito directa com a pessoa pois as pessoas começam, acabam por olhar, por dizer, já não posso passar sem ela. Não imagina como eu gosto. Outras pessoas já me têm dito, isto será transfer de outra, de origem, não sei, analítica ou assim. Olhe eu por exemplo, gosto tanto que até durmo com ela, já me disseram isto, eu por acaso acho muito giro. Eu às vezes pergunto: mas passados tantos anos ainda gosta do seu anel, do seu colar? Ai gosto tanto, chegaram a dizer, eu gosto tanto do meu anel que até durmo com ele! Mas isto só é importante na medida em que... eu agora afastei-me um bocadinho da ideia inicial, mas, quer dizer, o Pernes dizia-me que era importante na medida em que as pessoas que não estariam, como é que eu hei-de dizer?, não teriam tanta abertura ou um grau de cultura suficiente para entender a pintura um pouco mais hermética, mais difícil, isso não sei explicar aqui, já dá pano para mangas, é muito contestável. As pessoas podem achar que a pintura deixa de valer se não for imediatamente compreendida, seja por quem for. Eu não penso assim.

Não, eu também não penso assim, de facto. Acho que não. Pelo contrário, às vezes a pintura está projectada no futuro e só virá a ser compreendida mais tarde... assim foi, se nos lembrarmos do caso de Van Gogh, por exemplo, e de tantos outros, de Marcel Duchamp, de quantos!

Assim, de facto. Acho que não. Pelo contrário, às vezes a pintura está projectada no futuro e só virá a ser compreendida mais tarde... assim foi, se nos lembrarmos do caso de Van Gogh, por exemplo, e de tantos outros, de Marcel Duchamp, de quantos!

Assim, de facto. Acho que não. Pelo contrário, às vezes a pintura está projectada no futuro e só virá a ser compreendida mais tarde... assim foi, se nos lembrarmos do caso de Van Gogh, por exemplo, e de tantos outros, de Marcel Duchamp, de quantos!

Assim, de facto. Acho que não. Pelo contrário, às vezes a pintura está projectada no futuro e só virá a ser compreendida mais tarde... assim foi, se nos lembrarmos do caso de Van Gogh, por exemplo, e de tantos outros, de Marcel Duchamp, de quantos!

Assim, de facto. Acho que não. Pelo contrário, às vezes a pintura está projectada no futuro e só virá a ser compreendida mais tarde... assim foi, se nos lembrarmos do caso de Van Gogh, por exemplo, e de tantos outros, de Marcel Duchamp, de quantos!

Assim, de facto. Acho que não. Pelo contrário, às vezes a pintura está projectada no futuro e só virá a ser compreendida mais tarde... assim foi, se nos lembrarmos do caso de Van Gogh, por exemplo, e de tantos outros, de Marcel Duchamp, de quantos!

Assim, de facto. Acho que não. Pelo contrário, às vezes a pintura está projectada no futuro e só virá a ser compreendida mais tarde... assim foi, se nos lembrarmos do caso de Van Gogh, por exemplo, e de tantos outros, de Marcel Duchamp, de quantos!

Assim, de facto. Acho que não. Pelo contrário, às vezes a pintura está projectada no futuro e só virá a ser compreendida mais tarde... assim foi, se nos lembrarmos do caso de Van Gogh, por exemplo, e de tantos outros, de Marcel Duchamp, de quantos!

Assim, de facto. Acho que não. Pelo contrário, às vezes a pintura está projectada no futuro e só virá a ser compreendida mais tarde... assim foi, se nos lembrarmos do caso de Van Gogh, por exemplo, e de tantos outros, de Marcel Duchamp, de quantos!

Assim, de facto. Acho que não. Pelo contrário, às vezes a pintura está projectada no futuro e só virá a ser compreendida mais tarde... assim foi, se nos lembrarmos do caso de Van Gogh, por exemplo, e de tantos outros, de Marcel Duchamp, de quantos!

Mas, quer dizer, nessa medida ele dizia justamente que poderia, quer dizer, esses objectos, na medida em que faziam parte do uso quotidiano e do entendimento mais fácil, poderiam levar justamente as pessoas a dizer: Olha, afinal, no fundo nunca tinha descoberto também a sua política de preparação, bem que isto, uma joia moderna, podia ser bonita e que podia sentir-me bem com ela. E tudo isso, a gente está mais ligada aos objectos convencionais. No fundo, no fundo também é uma questão de a gente se virar para a pintura, para a escultura ou para a arquitectura, ou para a vida em geral e ver as coisas de outra maneira. E isto tem-me acontecido em diálogo muitas vezes no primeiro contacto com as pessoas, elas têm essa explosão do entendimento: Ora, afinal, nunca pensei que poderia vir a gostar de uma joia moderna, e tal. Isto talvez... até, se calhar vou começar a gostar de pintura moderna e, de, não sei, a partir daqui e tal. Já me têm dito isso e, nessa medida acho que a coisa pode ser importante, no ponto de vista... importante, enfim, não muito relevante, mas no ponto de vista didáctico tem a sua relação.

N. da R. — Esta inocente entrevista não pode publicar-se antes do 25 de Abril.

Laboratórios Bial: atirar os trabalhadores uns contra os outros

Os trabalhadores da propaganda médica dos Laboratórios Bial manifestam-se contra a administração que continua a sua política de preparação ao mesmo tempo que manobra a comissão de trabalhadores, de uma forma confusa, como afirma um comunicado, apareceu à frente do movimento reivindicativo dos trabalhadores da empresa.

O comunicado refere ainda que o pessoal da delegação de Lisboa não foi ouvido quando da eleição da comissão de trabalhadores, à excepção do sector de propaganda médica, pelo que se torna necessário alertar todos os sindicatos representativos dos restantes trabalhadores da empresa sobre a necessidade de elegerem democraticamente delegados sindicais que os possam representar condignamente na empresa.

Analisando depois o desinte-

resse e a errada inclusão de alguns elementos na referida comissão de trabalhadores acrescenta o comunicado que tem sido adoptada a tática de «atirar os trabalhadores uns contra os outros», tirando partido da má aceitação de certos sectores em relação aos que são considerados mais favorecidos. Por essa razão, os delegados da propaganda médica da secção de Lisboa sentem o dever de esclarecer que nunca pediram aumentos de vencimento, excepto para os colegas mais antigos que, inexploravelmente, se encontram em condições inferiores aos restantes. Apesar do aumento de combustível a empresa ainda não fez uma revisão no preço da quilometragem, continuando ao mesmo tempo a recusar o pagamento do seguro da viatura. Por outro lado não cumpre o Contrato Colectivo de Trabalho, em vigor desde Julho de 1973.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 10912

HORIZONTAIS:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1 Artigo definido. Pronome indefinido. Lábios.											
2 Pinta. Sova.											
3 Montões. Olé.											
4 Encolherizar. Separar.											
5 Apellido. Lugarito.											
6 Cobalto (s.q.). Matemática.											
7 Arrelias. Chiste. Batráquio.											
8 Pessoa notável. Aragão.											
9 Grito lamentoso do cão. Du-na Suécia. Apellido.											
10 Extremidade do braço. Amuntar.											
11 Queimadas. Tempo do verbo ir.											

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7070

HORIZONTAIS:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1 Coelho pequeno. Bofetada (pop).											
2 Ocidente. Encolherizar.											
3 Cantão de Suíça. Exigir.											
4 Vê. Em partes iguais.											
5 Assistir. Lista.											
6 Camareiras. Deus dos pastores.											
7 Atomo. Levantar.											
8 Cálidos. Nome de mulher.											
9 Indino. Tranquilizar.											
10 Ingiriam.											
11 Letra grega. Palmeiras da Amazônia. Artigo definido.											

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10911

HORIZONTAIS:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1 OS. QUE. SE.											
2 Pas. Ranço.											
3 Elara.											
4 Rolando. At.											
5 Al. Mos. Pará.											
6 Rolo. Tardam.											
7 Asassem. Om.											
8 Cais. Grão.											
9 Vias. Trará.											
10 Aar. Trará.											
11 Osa. Mae. Amo.											

Proverbio: OS QUE SE VÃO NÃO VOLTAM.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7069

HORIZONTAIS:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1 Porco. Coram.											
2 Areal. Irene.											
3 Tel. Assumir.											
4 Val. Amo.											
5 Suara. Oiras.											
6 Al.											
7 Nasceram.											
8 Ob. Ali. Ince.											
9 Vm. Aoro. Er.											
10 Aquar. Amado. Ceda.											
11 Saira. Salmas.											

Proverbio: OS QUE SE VÃO NÃO VOLTAM.



DESPORTOS

PUGILISMO

Carlos Monzon em foco

O pugilista argentino Carlos Monzon, campeão mundial dos «médios», foi distinguido pela «Associação Mundial de Boxe» como o pugilista de maior relevo em Outubro.

A classificação da Associação é a seguinte:

PESADOS

Campeão: George Foreman, (EUA), desde 22 de Janeiro de 1973. Pretendentes: 1.º Muhammad Ali, (EUA); 2.º Joe Frazier, (EUA); 3.º Ron Lyle, (EUA); 4.º Joe Bugner, (Inglaterra); 5.º Jerry Quarry, (EUA); 6.º Ken Bonavena, (Argentina); 7.º Ken Norton, (EUA); 8.º Jimmy Ellis, (EUA); 9.º Henry Clark, (EUA) e 10.º Jimmy Young, (EUA).

MEIOS-PESADOS

Campeão: Vago. Pretendentes: 1.º Victor Galindez, (Argentina); 2.º John Conteh, (Inglaterra); 3.º Len Hutchins, (EUA); 4.º Chris Finnegan, (Inglaterra); 5.º Richie Kates, (EUA); 6.º Pierre Furie, (África do Sul); 7.º Eddie Jones, (EUA); 8.º Tom Bogs, (Dinamarca); 9.º Karl-Heinz Klein, (Alemanha) e 10.º Jorge Ahumada, (Argentina).

MÉDIOS

Campeão: Carlos Monzon, (Argentina), desde 7 de Novembro de 1970. Pretendentes: 1.º Rodrigo Valdez, (Colômbia); 2.º Tony Licata, (EUA); 3.º Kevin Finnegan, (Inglaterra); 4.º Gratien Tonna, (França); 5.º Jean-Claude

de Boutier, (França); 6.º George Cooper, (EUA); 7.º Willie Monroe, (EUA); 8.º Luis Fabre, (Brasil); 9.º Tony Mundine, (Austrália) e 10.º Benny Briscoe, (EUA).

MÉDIOS LIGEIROS

Campeão: Oscar Alvarado, (EUA), desde 5 de Junho de 1974. Pretendentes: 1.º Jae do Yu, (Coreia); 2.º Miguel Castellini, (Argentina); 3.º José Duran, (Espanha); 4.º Koichi Wajima, (Japão); 5.º Miguel de Oliveira, (Brasil); 6.º Nojin Mayagun, (Ghana); 7.º Charkey Ramon, (Austrália); 8.º Jan Kies, (África do Sul); 9.º Min Cho, (Coreia) e 10.º Ryu Sorimachi, (Japão).

MEIOS-MÉDIOS

Campeão: José Napoles, (México), desde 4 de Junho de 1971. Pretendentes: 1.º Angel Espada, (Porto Rico); 2.º Clyde Gray, (Canadá); 3.º Félix O'Bed, (Bahamas); 4.º Miguel Campaño, (Argentina); 5.º Roger Menetrey, (França); 6.º Horacio Saidano, (Argentina); 7.º Johny Gant, (EUA); 8.º John Stracey, (Inglaterra); 9.º Hedgemon Lewis, (EUA) e 10.º Eddie Perkins, (EUA).

MEIOS-MÉDIOS LIGEIROS

Campeão: Antônio Cervantes, (Colômbia), desde 28 de Outubro de 1972. Pretendentes: 1.º Esteban de Jesus, (Porto Rico); 2.º Hector Thomson, (Austrália); 3.º Eve-



Muhammad Ali (aliás Cassius Clay) vai tentar destronar, no fim deste mês, em Kinshasa, o campeão George Foreman. Os dois pugilistas não se furtam às entrevistas tradicionais, não obstante faltarem ainda alguns dias para que o combate se realize...

raldo Acosta Azevedo, (Argentina); 4.º Yasutaki Kadota, (Japão); 5.º Daniel Gonzalez, (Argentina); 6.º Emiliano Villa, (Colômbia); 7.º Alfonso Frazer, (Panamá); 8.º Carlos Gimenez, (Argentina); 9.º Lion Furiyama, (Japão) e 10.º Hector Matata, (Porto Rico).

LEVES

Campeão: Roberto Duran, (Panamá), desde 26 de Junho de 1972. Pretendentes: 1.º Alfredo Escalera, (Porto Rico); 2.º Hugo Gutierrez, (Argentina); 3.º Tury Pineda, (EUA); 4.º Ken Buchanan, (Escócia); 5.º Gattu Ixmatsu, (Japão); 6.º Rudy Barro, (Filipinas); 7.º Rodolfo Gonzalez, (México); 8.º Ray Lampkins, (EUA); 9.º Hector J. Medina, (República Dominicana) e 10.º Andries Steyn, (África do Sul).

LEVES LIGEIROS

Campeão: Ben Villafior, (Fiji-

LEVÍSSIMOS

Campeão: Soo Hwan Hong, (Coreia), desde 3 de Julho de 1974. Pretendentes: 1.º Rafael Herrera, (México); 2.º Thanomjit Sokotai, (Tailândia); 3.º Arnold Taylor, (África do Sul); 4.º Henry Castillo, (Venezuela); 5.º Codolfo Martinez, (México); 6.º Marcos Britton, (Panamá); 7.º Benicio Sosa, (Argentina); 8.º Comeo Anaya, (México); 9.º So-crates Batoto, (Filipinas); 3.º Benice Borkosor, (Tailândia).

MÍNIMOS

Campeão: Chartchai Chionoi, (Tailândia), desde 17 de Maio de 1973. Pretendentes: 1.º Susumo Hanagata, (Japão); 2.º Alfonso Lopez, (Panamá); 3.º Jorge Lujan, (Filipinas); 4.º Miguel Canto, (México); 5.º Erbito Salavaria, (Filipinas); 6.º Orlando Javierro, (Filipinas); 7.º Fritz Charvet, (Suíça); 8.º Alberto Morales, (México); 9.º Xoji Oguna, (Japão) e 10.º Betulio Gonzalez, (Venezuela).

AUTOMOBILISMO

Dappailler e Stuck no Autódromo do Estoril

Os primeiros classificados do Campeonato da Europa de Fórmula 2, o francês Patrick Dappailler e o alemão Hans Stuck, ambos pertencentes à equipa March, participaram na derradeira prova do Campeonato de Fórmula 2, o Autódromo do Estoril, numa organização do Automóvel Club de Portugal. Também os franceses Jacques Coulon e Lafitte asseguraram a sua presença numa prova que terá como um dos motivos aliantes a oportunidade dos portugueses

Jorge Pinhol e José Espírito Santo se iniciaram nas competições de Fórmula 2. Ambos inscritos pela equipa britânica da Motor Racing Consultants, pilotarão, respectivamente, um Chevron e um March. No que diz respeito a corridas reservadas a portugueses, correrão automóveis de turismo de série e turismo especial e ainda, em corridas especiais para carros da marca Datsun e para automobilistas que em 1973 tenham feito parte das categorias de Iniciados e Promoção.

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infante D. D. 55-C — LISBOA
Telef. 726603 — Telef. 688064

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 7 DE 20 DE OUTUBRO DE 1974

Açores, 111 211 111 111; Badaladas, 1x1 2x1 11x 22x1; Boa Nova, 1x1 2x1 11x 22x1; Brados do Alentejo, 12x 22x 1x1 12x1; O Emigrante, 111 2x1 111 2x1; Emissor Regional do Centro, 1x1 2x1 11x 22x1; Cavalegada do Ritmo, 111 2x1 111 111; Centro Desportivo, 1x1 221 11x 2x1; O Distrito de Setúbal, 1x1 2x1 11x 22x1; Estação de Rádio da Madeira, 111 2x1 11x 2x1; Revista Desportiva, 111 2x1 11x 22x1; Ritmo, 1x1 2x1 11x 22x1; O Comércio de Leixões, 111 221 111 2x1; O Comércio de Leixões, 111 2x1 11x 22x1; O Conselho de Estarreja, 1x1 2x1 11x 22x1; Correio dos Açores, 1x1 2x1 11x 22x1; Correio de Coimbra, 111 2x1 111 121; Correio do Douro, 111 2x1 11x 22x1; Desporto e Rotações, 121 2x1 11x 22x1; Correio do Vouga, 111 2x1 111 121; A Defesa, 1x1 2x1 11x 22x1; As 10 espere por nós, 1x1 2x1 11x 22x1; Diário dos Açores, 1x1 2x1 11x 22x1; Diário de Coimbra, 111 2x1 11x 22x1; Ecos de Cacia, 111 2x1 11x 22x1; Estrela da Manhã,

Eu Sei Tudo, 111 2x1 11x 22x1; Folhas do Domingo, 1x1 2x1 11x 22x1; Fracos não rezam a História, 12x 2x1 221 11x 22x1; A Ilha, 11x 2x1 11x 22x1; Jornal da Beira, 1x1 2x1 11x 22x1; Jornal de Felgueiras, 111 221 11x 22x1; Jornal da Graça, 111 2x1 11x 22x1; Jornal de Notícias, 111 2x1 11x 22x1; Jornal de Santo Tirso, 1x1 2x1 11x 22x1; Linhas de Elvas, 111 221 11x 22x1; Litoral, 111 2x1 11x 22x1; Manche-desportiva, 111 2x1 11x 22x1; Maria da Fonte, 111 2x1 11x 22x1; Mundo Desportivo, 1x1 221 11x 22x1; Pajú Desportivo, 1x1 2x1 11x 22x1; O Norte Desportivo, 111 221 11x 22x1; Notícias de Chaves, 1x1 221 11x 22x1; Notícias de Évora, 1x1 2x1 11x 22x1; Notícias de Felgueiras, 1x1 2x1 11x 22x1; Notícias de Guimarães, 1x1 2x1 11x 22x1; Notícias de Penacova, 111 2x1 11x 22x1; A Ordem, 1x1 221 11x 22x1; Peça que não maça, 1x1 2x1 11x 22x1; Penal-ti, 111 221 11x 22x1; O Porto, 111 2x1 11x 22x1; Povo Algarvio, 1x1 2x1 11x 22x1; Póvoa

de Lanhoso, 111 2x1 11x 22x1; Presença Coimbrã, 111 2x1 11x 22x1; Programa sem nome, 111 1x1 11x 22x1; Quadrante Desportivo, 1x1 221 11x 22x1; Quadrante Norte, 111 2x1 11x 22x1; Rádio Alentejo, 111 221 11x 22x1; 2xxx; Sporting, 1x1 2x1 11x 22x1; Diário de Lisboa, 111 2x1 11x 22x1; Jornal Desportivo, 111 2x1 11x 22x1; Rádio Sports, 111 221 11x 22x1; Reconquista, 111 2x1 11x 22x1; Renovação, 111 2x1 11x 22x1; Repórter do dia-Angola, 1x1 211 11x 22x1; Resenha Desportiva, 111 2x1 11x 22x1; Encontro Musical, 1x1 2x1 11x 22x1; O sorriso da hora do almoço, 112 2x1 1x1 22x1; A Voz das Beiras, 111 2x1 11x 22x1; Voz do Casa Pia, 111 2x1 11x 22x1; Voz de Lamego, 111 2x1 11x 22x1; A Voz de Palmela, 1x1 2x1 11x 22x1; A Voz dos Rolducos, 111 2x1 11x 22x1; Sempre Fide, 111 2x1 11x 22x1; Talismã Desportivo, 111 2x1 11x 22x1; Notícias do Totobola, 111 2x1 11x 22x1; A Minha Matriz, 1x1 221 11x 22x1; Por Deus e Pela Pátria, 111 2x1 11x 22x1; Domingo Alegre, 111 2x1 11x 22x1; Roti-

ro Sonoro, 111 11x 22x1 111; Terceiro Programa, 122 11x 112 2x1; Passatempo, 222 11x 112 2x1; Bondiazinho, 2x1 221 11x 11x; 20 Porto D, 121 11x 2x1 22x1; Extensão 10, 122 11x 21x 11x; Auto Rádio, 111 211 11x 22x1; Clube do Ar, 111 2x1 11x 22x1; Diário do Porto, 1x1 11x 11x 22x1; Estúdio 64, 1x1 11x 11x 22x1; Placard Desportivo, 121 2x1 11x 22x1; Placard Desportivo - Açores, 1x1 2x1 11x 22x1; O Primeiro de Janei-

ro, 111 2x1 11x 22x1; Rádio Placard, 111 11x 11x 22x1; Ritmo e Amizade, 111 2x1 11x 22x1; Alvo Desportivo, 111 2x1 11x 22x1; Rádio Alco, 11x 211 2x1 11x 22x1; Panorama, 111 221 11x 22x1.

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	2	3	1	2	3
1. BOAVISTA-ESPINHO	97	1	1	10	1	1
2. LEIXOES-CUF	55	36	8	7	4	1
3. PARENSE-ORIENTAL	92	3	4	10	1	1
4. UNIAO TOMAR-SPORTING	9	22	68	1	3	8
5. ATLÉTICO-BELENENSE	23	47	29	3	8	3
6. SETÚBAL-OLHANENSE	95	4	0	11	1	1
7. OLIMPIA-ACADÉMICO	89	5	5	10	1	1
8. BENFICA-PORTO	74	20	5	9	2	1
9. UNIAO COIMBRA-VARZIM	84	26	9	8	3	1
10. TIRSENSE-BRAGA	50	30	19	6	4	2
11. FEIRENSE-SANJOANENSE	26	42	31	3	5	4
12. UNIAO LEIRIA-CALDAS	79	14	6	9	2	1
13. LUSITANO-JUVENTUDE	72	23	4	8	3	1

A chave lógica será:
111 2x1 11x 22x1



TAÇA DE HONRA DA A.F.L.

Muito público, foi ontem à noite no Restelo assistida a segurança e última jornada da Taça de Honra da Associação de Futebol de Lisboa. Prova que foi ganha pelo Benfica, não obstante nenhum dos seus jogadores ter marcado, frente ao Sporting, um golo que fosse. A vitória do clube da "Jardim" veio a dar-se a um autogolo de Tomé, quando tentava fazer uma interceptação e acabou por tirar Luis, lam decorridos apenas 6 minutos de jogo e desde logo ficou achado o vencedor.

No primeiro encontro do nocturno, jogaram Belenenses e Oriental. Estavam por excelsior o 3.º e 4.º lugares e não se pode dizer que o preço não ofereceu fartos motivos de interesse principalmente a partir do momento em que o Oriental conseguiu chegar à igualdade a um tento. Foi a partir deste momento que o encontro ganhou maior animação, vindo o vencedor a ser encontrado na marcação das célebres grandes penalidades. Acabou



Rufino "fugiu" para a Guiné

O promissor ponta-de-lança que os dirigentes do Boavista trouxeram da Guiné, há já um ano, o jovem (20 anos) Rufino, ausentou-se para a sua terra e está disposto a não regressar ao popular clube do Bessa. Segundo julgamos saber, o irmão de Rufino, elemento do P.A.I.G.C., está interessado em que o futebolista não regressasse a Portugal, pois considera-o um elemento bastante válido na organização. Por outro lado, o pai de Rufino, que é jornalista na Guiné, está empenhadíssimo em que o filho volte ao Boavista e conclua um curso superior, de preferência Medicina. Acrescenta-se, entretanto, que Rufino, enquanto esteve no serviço do Boavista, conseguiu fazer três cadeiras do sétimo ano liceal.

GANHOU QUEM NÃO MARCOU

Europa na cidade-luz. Mas, nem por isso o espectáculo perdeu validade: enquanto o Benfica se mostrava mais atrevido e perigoso, o Sporting lá ia desenvolvendo as suas jogadas de contra-ataque, não permitindo que Humberto Coelho saísse da sua zona como tem acontecido inúmeras vezes esta época. Logo aos seis minutos veio o autogolo de Tomé, num lance perfeitamente comum mas que haveria de prevalecer como o mais importante (e decisivo) da partida.

Na segunda parte, ainda o Sporting tentou forçar a extrema defesa encerrada, mas não conseguiu chegar ao golo. E assim a Taça de Honra foi para o Benfica, que guardará a oitava da série.

Que imagem nós deu esta final? Foi um belo jogo aquele que opôs as turmas do Benfica e do Sporting, para apurar o vencedor desta Taça de Honra. Enquanto os «encarnados» fizeram alinhar a sua vedeta Eusebio, os «leões» não puderam contar com o seu goleador-mor, o argentino Yazalde, a essa mesma hora a ser homenageado pela

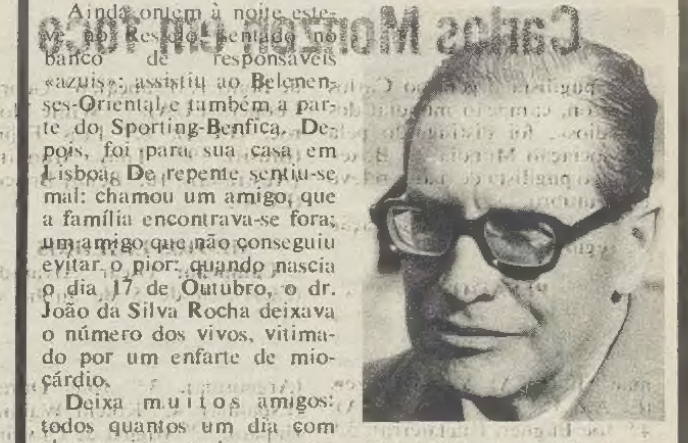
Bayern de Munique. Joseph Heynckes, também alemão do Borussia, o argentino Carlos Bianchi do Stade de Reims. Este último, todavia, estava ausente pois partiu uma perna, mas Yazalde foi-lhe entregar o troféu à clínica onde se encontra. As duas senhoras (do elegante Beckenbauer e do «bigodudo» Mueller) não largam os maridos: só os soltam para fotos. Out, out, out, lá, lá. Nada mais como eles, de quem vocês, (até) podem ler as entrevistas minutas, só que, já acabou a festa. Yazalde foi ao hospital ver o compatriota Bianchi (do Reims, perna esquerda partida nos dois ossos) e João Rocha volta a mergulhar nos ciúmos: ao lado de Bruno Santos, amouçou com Raphael Geminiani. Depois conta-me: «Para o Sporting estar no «Tour-75» o problema é grave. Há 25 equipas e 15 vagas. Propostas para estudos: turmas es-

O TRAÇO DE PARGANA



Se não queres falar acerca de futebol, a que respeito temos nós de conversar? Hoje há tanta coisa importante para falarmos...

DR. SILVA ROCHA



André, ontem à noite esteve no Restelo, em casa do filho, a falar de futebol. O Dr. Silva Rocha, que é médico, não conseguiu evitar, o pior, quando nasceu o dia 17 de Outubro, o dr. João da Silva Rocha deixava o número dos vivos, vitimado por um enfarte de miocárdio. Deixa muitos amigos: todos quantos um dia com ele, conviveu, todos quantos souberam compreender a sua filosofia. Competentíssimo, (fazia parte do comité clínico da F.I.F.A.) a sua morte vai de certo fazer sentir tanto no meio desportivo como no social.

PARIS: JE T'AIME (há 20 anos)

É uma história longa: para contar depois. O melhor é principiar assim: Manuel Bulhosa, o Governo fantasma inventado por lá «deu, riota, pegada». Jean-Claude Brialy trabalha no «Mangny», João Rocha pensa em ciclismo e Yazalde recebe a «bota de ouro». João Rocha discursa no pre-Catelan. Estamos no bosque de Bolonha: há duas centenas de convidados. Muito vermelho, amante do bom «whisky» Stefan Kovacs diz-me: «Tenho como ambição treinar uma equipa portuguesa: mas, só em Julho». As duas senhoras (do elegante Beckenbauer e do «bigodudo» Mueller) não largam os maridos: só os soltam para fotos. Out, out, out, lá, lá. Nada mais como eles, de quem vocês, (até) podem ler as entrevistas minutas, só que, já acabou a festa. Yazalde foi ao hospital ver o compatriota Bianchi (do Reims, perna esquerda partida nos dois ossos) e João Rocha volta a mergulhar nos ciúmos: ao lado de Bruno Santos, amouçou com Raphael Geminiani. Depois conta-me: «Para o Sporting estar no «Tour-75» o problema é grave. Há 25 equipas e 15 vagas. Propostas para estudos: turmas es-

FRANCISCO CALADO
JOSE AUGUSTO
PALMEIRO ANTUNES

Representante:
ARENA

Distribuidor:
ADIDAS

annie GIRARDOT

marlène JOBERT

um filme de REMO FORLANI

ROMA ESTREIA AMANHÃ

Julietta e Julietta
(JULIETTE ET JULIETTE)

NACIONAL

Do projecto de lei de arrendamento rural

Continuação da pág. 3

DA SESSÃO DO DIREITO DE ARRENDAMENTO

No ponto 3 do artigo 15.º entendemos dever-se substituir a alínea b), que permite a cedência do direito de arrendamento por parte do arrendatário desde que se destine a favorecer o emparcelamento de explorações dispersas. Com efeito, o emparcelamento pode originar um tipo de concentração fundiária desfavorável ao pequeno rendeiro. Por esse motivo, entendemos por um lado que aquela linha deve ser anulada e, por outro que a cedência do direito de arrendamento só deva permitir-se, além dos casos citados no ponto 3 do artigo mencionado, quando a área arrendada se destinar a favorecer a constituição de cooperativas de pequenos agricultores.

DAS COMISSÕES ARBITRAIS

O número de elementos para a constituição de Comissões Arbitrais destinadas a resolver questões entre senhorios e arrendatários, incluindo a revisão do montante das rendas, parece-nos susceptível de ser reduzido, sem prejuízo para o exercício das suas atribuições. Quatro elementos serão suficientes. Todavia, existe um outro problema mais importante do que este. De facto, não nos parece correcto que na composição das Comissões Arbitrais entrem proprietários e arrendatários, mas sim representantes de uns e de outros, designados pelas associações em que as partes em litígio estiverem inscritas. Podem ser proprietários e arrendatários, mas no entanto as respectivas associações podem entender conveniente nomear outras pessoas mais habilitadas para encerrar os problemas em questão. O que é importante é que, quer se trate de um caso quer de outro,

sejam as associações onde as entidades em litígio estiverem inscritas, a designar os respectivos representantes. Por exemplo, se a questão levantada for entre um proprietário e um pequeno tendeiro, membro de uma Liga de Pequenos Agricultores, parece-nos não só correcto como legítimo ser esta última, como verdadeira defensora do interesse dos pequenos agricultores, rendeiros ou não, a indicar o seu representante para a constituição da respectiva Comissão Arbitral. Esta deveria compor-se, portanto, de um juiz, um técnico de secretaria de Estado; um representante de cada associação indicada.

CRIANÇAS NUMA ESCOLA

Continuação da pág. 9

bre isso. Vocês acenam discutir mais uma vez? Respondemos: «está bem, vão lá perguntar ao Governo. Mas fiquem sabendo que quando formos converter uma segunda vez, nós vamos dizer a mesma coisa: não paramos a luta antes da independência. Nós temos soldados suficientes, outros estão a nascer, outros já são pequenos e esses outros estarão prontos para continuar a luta até à independência». Nessa altura estávamos a falar de vocês, os continuadores (aplausos e risos). J. C. — Vocês sabem onde a gente ficava, onde o presidente da Frelimo ficava lá em Lusaka? E sabem como é que a gente viujoar para lá? R. — Não. J. C. — E vocês, sabem quem é o presidente da Zâmbia? R. — Kaunda. J. C. — Ora o presidente da Zâmbia mandou o seu avião especial para levar o presidente da Frelimo a Lusaka. Quando chegámos

a Lusaka fomos recebidos no palácio do chefe do país, na casa de Kaunda, onde ficámos. Os portugueses chegaram e foram para um hotel (risos). Quando nos nos sentávamos com os portugueses, nós sentávamos-nos numa mesa, de um lado estávamos nós, do outro os portugueses, e do nosso lado tinhamos uma bandeira, a bandeira da Frelimo. No lado dos portugueses tinha a bandeira portuguesa. E foi assim que discutimos com eles. Mas o resultado foi esse: eles voltaram a Lisboa para prepararem ao seu Governo e para voltarem a reunir conosco no princípio do próximo mês. Agora, os portugueses vão pensar muito seriamente, porque a luta realmente está a continuar com muita insistência no interior. E eles terão um dia de dar — não é dar, é reconhecer — a independência que já conquistamos. Querem saber mais alguma coisa? Então façam perguntas.

ACABOU O MONOPÓLIO DOS T.A.P.

LUANDA, 17 — (R) — A partir do próximo dia 1 de Novembro, as carreiras entre Luanda e Lisboa vão deixar de ser monopolizadas pela T.A.P. De facto, a T.A.A.G., companhia aérea angolana, que, até aqui, tem operado exclusivamente dentro das fronteiras da nossa pátria, vai inaugurar, naquela data, os seus voos internacionais com a carreira entre Luanda e Lisboa. A nova carreira será trissemanal e a companhia angolana trabalhará em serviço combinado com a T.A.P.

JOÃO DA SILVA ROCHA MÉRICO CIRURGIÃO FALLECEU

Maria de Lourdes Toscano da Silva Rocha, Maria João Toscano da Silva Rocha Vazão Trindade, António de Campos Vazão Trindade, Arminda da Silva Matos, Maria da Conceição Silva Rocha Constantino, Amélia da Silva Rocha e mais família participam que Deus Chamou à Sua Divina Presença o seu marido, pai, sogro, filho, irmão e parente. Amanhã, às 9,30 horas, na Igreja S. João de Deus, será rezada missa de corpo presente, realizando-se o funeral às 10 horas para jazigo no cemitério da Póvoa do Varzim.

AGENCIA BARATA

A L.U.A.R. DARÁ CONTAS DO ASSALTO DA FIGUEIRA

Em entrevista concedida ao «Século», o dirigente da Liga de União e Acção Revolucionária (L.U.A.R.), Herminio da Palma Inácio, revelou que irão ser tornados públicos os gastos do dinheiro roubado na Figueira da Foz. Em um comunicado em que a L.U.A.R. reivindicou, então, a autoria do espectacular assalto, informava-se que seriam prestadas contas sobre a utilização desse dinheiro. São-lhe em 16 de Novembro durante um comício dos revolucionários, marcado, precisamente, para a Figueira da Foz. Depois do 25 de Abril, a organização abandonou a luta armada, tendo apenas utilizado as suas forças militarizadas durante a tentativa de golpe de Estado de 28 de Setembro. O mesmo dirigente não recusa a possibilidade de uma participação da L.U.A.R. nas eleições para a Assembleia Constituinte.

SOCIEDADE PORTUGUESA DO ACUMULADOR TUDOR, S. A. R. L.

AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 12 — LISBOA
AUMENTO DE CAPITAL DE 25 PARA 75 MIL CONTOS

PAGAMENTO DA SEXTA E ÚLTIMA PRESTAÇÃO

De acordo com a resolução tomada na reunião do Conselho de Administração de 9 de Outubro corrente e com as condições da subscrição constantes do anúncio publicado no «Jornal do Comércio», de 1 de Agosto de 1967, deverá ser paga na Sede Social, até 18 de Novembro próximo, a sexta e última prestação de 25 % (vinte e cinco por cento) do valor das Ações subscritas. No acto do pagamento deverão os Senhores Accionistas apresentar os Boletins de Inscrição demonstrativos das Ações subscritas e do pagamento das prestações anteriores.

Os pagamentos efectuados fora do prazo fixado incorrem no disposto no Artigo 8.º e seus parágrafos, do Pacto Social.

Lisboa, 16 de Outubro de 1974.

O Conselho de administração

HOJE

1.º Programa (21.30)

ANTOLOGIA

Com o título «Long day's journey in to night» de Eugene O'Neill será apresentada a noite de Antologia

2.º Programa (21.05)

OS CLÁSSICOS DO CINEMA

Grande metragem da época do mudo comentada por um especialista da história do cinema

SIEMENS ESTORIL

HOJE

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura e Desenhos animados
13.00 Encontro
13.15 Dick Van Dyke
13.45 Telemag 1.ª edição
14.00 Da saúde e da vida
14.25 Logo à noite
14.30 Fecho

2.º Período

Ciclo Preparatório TV (Porto)
14.00 Orientação de Monitores 1.º ano
15.05 Língua Portuguesa 2.º Ano
15.20 Desenho 1.º Ano
16.00 Educação Física 2.º Ano
16.25 Francês 2.º Ano
16.50 Ciências da Natureza 1.º Ano
17.25 Hist. e Geog. de Portugal 1.º Ano
17.50 Língua Portuguesa 1.º Ano
18.15 Trabalhos Manuais 2.º Ano
18.40 Francês 1.º Ano
19.30 Minijornal
19.35 TV Infantil
19.45 Em Foco
20.25 Telemag — 2.ª edição
20.45 Telemag — 3.ª edição
20.50 Telemag — 3.ª edição
20.55 Telemag — 3.ª edição
21.00 Telemag — 3.ª edição
21.05 Telemag — 3.ª edição
21.10 Telemag — 3.ª edição
21.15 Telemag — 3.ª edição
21.20 Telemag — 3.ª edição
21.25 Telemag — 3.ª edição
21.30 Telemag — 3.ª edição
21.35 Telemag — 3.ª edição
21.40 Telemag — 3.ª edição
21.45 Telemag — 3.ª edição
21.50 Telemag — 3.ª edição
21.55 Telemag — 3.ª edição
22.00 Telemag — 3.ª edição
22.05 Telemag — 3.ª edição
22.10 Telemag — 3.ª edição
22.15 Telemag — 3.ª edição
22.20 Telemag — 3.ª edição
22.25 Telemag — 3.ª edição
22.30 Telemag — 3.ª edição
22.35 Telemag — 3.ª edição
22.40 Telemag — 3.ª edição
22.45 Telemag — 3.ª edição
22.50 Telemag — 3.ª edição
22.55 Telemag — 3.ª edição
23.00 Telemag — 3.ª edição
23.05 Telemag — 3.ª edição
23.10 Telemag — 3.ª edição
23.15 Telemag — 3.ª edição
23.20 Telemag — 3.ª edição
23.25 Telemag — 3.ª edição
23.30 Telemag — 3.ª edição
23.35 Telemag — 3.ª edição
23.40 Telemag — 3.ª edição
23.45 Telemag — 3.ª edição
23.50 Telemag — 3.ª edição
23.55 Telemag — 3.ª edição
24.00 Telemag — 3.ª edição
24.05 Telemag — 3.ª edição
24.10 Telemag — 3.ª edição
24.15 Telemag — 3.ª edição
24.20 Telemag — 3.ª edição
24.25 Telemag — 3.ª edição
24.30 Telemag — 3.ª edição
24.35 Telemag — 3.ª edição
24.40 Telemag — 3.ª edição
24.45 Telemag — 3.ª edição
24.50 Telemag — 3.ª edição
24.55 Telemag — 3.ª edição
25.00 Telemag — 3.ª edição
25.05 Telemag — 3.ª edição
25.10 Telemag — 3.ª edição
25.15 Telemag — 3.ª edição
25.20 Telemag — 3.ª edição
25.25 Telemag — 3.ª edição
25.30 Telemag — 3.ª edição
25.35 Telemag — 3.ª edição
25.40 Telemag — 3.ª edição
25.45 Telemag — 3.ª edição
25.50 Telemag — 3.ª edição
25.55 Telemag — 3.ª edição
26.00 Telemag — 3.ª edição
26.05 Telemag — 3.ª edição
26.10 Telemag — 3.ª edição
26.15 Telemag — 3.ª edição
26.20 Telemag — 3.ª edição
26.25 Telemag — 3.ª edição
26.30 Telemag — 3.ª edição
26.35 Telemag — 3.ª edição
26.40 Telemag — 3.ª edição
26.45 Telemag — 3.ª edição
26.50 Telemag — 3.ª edição
26.55 Telemag — 3.ª edição
27.00 Telemag — 3.ª edição
27.05 Telemag — 3.ª edição
27.10 Telemag — 3.ª edição
27.15 Telemag — 3.ª edição
27.20 Telemag — 3.ª edição
27.25 Telemag — 3.ª edição
27.30 Telemag — 3.ª edição
27.35 Telemag — 3.ª edição
27.40 Telemag — 3.ª edição
27.45 Telemag — 3.ª edição
27.50 Telemag — 3.ª edição
27.55 Telemag — 3.ª edição
28.00 Telemag — 3.ª edição
28.05 Telemag — 3.ª edição
28.10 Telemag — 3.ª edição
28.15 Telemag — 3.ª edição
28.20 Telemag — 3.ª edição
28.25 Telemag — 3.ª edição
28.30 Telemag — 3.ª edição
28.35 Telemag — 3.ª edição
28.40 Telemag — 3.ª edição
28.45 Telemag — 3.ª edição
28.50 Telemag — 3.ª edição
28.55 Telemag — 3.ª edição
29.00 Telemag — 3.ª edição
29.05 Telemag — 3.ª edição
29.10 Telemag — 3.ª edição
29.15 Telemag — 3.ª edição
29.20 Telemag — 3.ª edição
29.25 Telemag — 3.ª edição
29.30 Telemag — 3.ª edição
29.35 Telemag — 3.ª edição
29.40 Telemag — 3.ª edição
29.45 Telemag — 3.ª edição
29.50 Telemag — 3.ª edição
29.55 Telemag — 3.ª edição
30.00 Telemag — 3.ª edição
30.05 Telemag — 3.ª edição
30.10 Telemag — 3.ª edição
30.15 Telemag — 3.ª edição
30.20 Telemag — 3.ª edição
30.25 Telemag — 3.ª edição
30.30 Telemag — 3.ª edição
30.35 Telemag — 3.ª edição
30.40 Telemag — 3.ª edição
30.45 Telemag — 3.ª edição
30.50 Telemag — 3.ª edição
30.55 Telemag — 3.ª edição
31.00 Telemag — 3.ª edição
31.05 Telemag — 3.ª edição
31.10 Telemag — 3.ª edição
31.15 Telemag — 3.ª edição
31.20 Telemag — 3.ª edição
31.25 Telemag — 3.ª edição
31.30 Telemag — 3.ª edição
31.35 Telemag — 3.ª edição
31.40 Telemag — 3.ª edição
31.45 Telemag — 3.ª edição
31.50 Telemag — 3.ª edição
31.55 Telemag — 3.ª edição
32.00 Telemag — 3.ª edição
32.05 Telemag — 3.ª edição
32.10 Telemag — 3.ª edição
32.15 Telemag — 3.ª edição
32.20 Telemag — 3.ª edição
32.25 Telemag — 3.ª edição
32.30 Telemag — 3.ª edição
32.35 Telemag — 3.ª edição
32.40 Telemag — 3.ª edição
32.45 Telemag — 3.ª edição
32.50 Telemag — 3.ª edição
32.55 Telemag — 3.ª edição
33.00 Telemag — 3.ª edição
33.05 Telemag — 3.ª edição
33.10 Telemag — 3.ª edição
33.15 Telemag — 3.ª edição
33.20 Telemag — 3.ª edição
33.25 Telemag — 3.ª edição
33.30 Telemag — 3.ª edição
33.35 Telemag — 3.ª edição
33.40 Telemag — 3.ª edição
33.45 Telemag — 3.ª edição
33.50 Telemag — 3.ª edição
33.55 Telemag — 3.ª edição
34.00 Telemag — 3.ª edição
34.05 Telemag — 3.ª edição
34.10 Telemag — 3.ª edição
34.15 Telemag — 3.ª edição
34.20 Telemag — 3.ª edição
34.25 Telemag — 3.ª edição
34.30 Telemag — 3.ª edição
34.35 Telemag — 3.ª edição
34.40 Telemag — 3.ª edição
34.45 Telemag — 3.ª edição
34.50 Telemag — 3.ª edição
34.55 Telemag — 3.ª edição
35.00 Telemag — 3.ª edição
35.05 Telemag — 3.ª edição
35.10 Telemag — 3.ª edição
35.15 Telemag — 3.ª edição
35.20 Telemag — 3.ª edição
35.25 Telemag — 3.ª edição
35.30 Telemag — 3.ª edição
35.35 Telemag — 3.ª edição
35.40 Telemag — 3.ª edição
35.45 Telemag — 3.ª edição
35.50 Telemag — 3.ª edição
35.55 Telemag — 3.ª edição
36.00 Telemag — 3.ª edição
36.05 Telemag — 3.ª edição
36.10 Telemag — 3.ª edição
36.15 Telemag — 3.ª edição
36.20 Telemag — 3.ª edição
36.25 Telemag — 3.ª edição
36.30 Telemag — 3.ª edição
36.35 Telemag — 3.ª edição
36.40 Telemag — 3.ª edição
36.45 Telemag — 3.ª edição
36.50 Telemag — 3.ª edição
36.55 Telemag — 3.ª edição
37.00 Telemag — 3.ª edição
37.05 Telemag — 3.ª edição
37.10 Telemag — 3.ª edição
37.15 Telemag — 3.ª edição
37.20 Telemag — 3.ª edição
37.25 Telemag — 3.ª edição
37.30 Telemag — 3.ª edição
37.35 Telemag — 3.ª edição
37.40 Telemag — 3.ª edição
37.45 Telemag — 3.ª edição
37.50 Telemag — 3.ª edição
37.55 Telemag — 3.ª edição
38.00 Telemag — 3.ª edição
38.05 Telemag — 3.ª edição
38.10 Telemag — 3.ª edição
38.15 Telemag — 3.ª edição
38.20 Telemag — 3.ª edição
38.25 Telemag — 3.ª edição
38.30 Telemag — 3.ª edição
38.35 Telemag — 3.ª edição
38.40 Telemag — 3.ª edição
38.45 Telemag — 3.ª edição
38.50 Telemag — 3.ª edição
38.55 Telemag — 3.ª edição
39.00 Telemag — 3.ª edição
39.05 Telemag — 3.ª edição
39.10 Telemag — 3.ª edição
39.15 Telemag — 3.ª edição
39.20 Telemag — 3.ª edição
39.25 Telemag — 3.ª edição
39.30 Telemag — 3.ª edição
39.35 Telemag — 3.ª edição
39.40 Telemag — 3.ª edição
39.45 Telemag — 3.ª edição
39.50 Telemag — 3.ª edição
39.55 Telemag — 3.ª edição
40.00 Telemag — 3.ª edição
40.05 Telemag — 3.ª edição
40.10 Telemag — 3.ª edição
40.15 Telemag — 3.ª edição
40.20 Telemag — 3.ª edição
40.25 Telemag — 3.ª edição
40.30 Telemag — 3.ª edição
40.35 Telemag — 3.ª edição
40.40 Telemag — 3.ª edição
40.45 Telemag — 3.ª edição
40.50 Telemag — 3.ª edição
40.55 Telemag — 3.ª edição
41.00 Telemag — 3.ª edição
41.05 Telemag — 3.ª edição
41.10 Telemag — 3.ª edição
41.15 Telemag — 3.ª edição
41.20 Telemag — 3.ª edição
41.25 Telemag — 3.ª edição
41.30 Telemag — 3.ª edição
41.35 Telemag — 3.ª edição
41.40 Telemag — 3.ª edição
41.45 Telemag — 3.ª edição
41.50 Telemag — 3.ª edição
41.55 Telemag — 3.ª edição
42.00 Telemag — 3.ª edição
42.05 Telemag — 3.ª edição
42.10 Telemag — 3.ª edição
42.15 Telemag — 3.ª edição
42.20 Telemag — 3.ª edição
42.25 Telemag — 3.ª edição
42.30 Telemag — 3.ª edição
42.35 Telemag — 3.ª edição
42.40 Telemag — 3.ª edição
42.45 Telemag — 3.ª edição
42.50 Telemag — 3.ª edição
42.55 Telemag — 3.ª edição
43.00 Telemag — 3.ª edição
43.05 Telemag — 3.ª edição
43.10 Telemag — 3.ª edição
43.15 Telemag — 3.ª edição
43.20 Telemag — 3.ª edição
43.25 Telemag — 3.ª edição
43.30 Telemag — 3.ª edição
43.35 Telemag — 3.ª edição
43.40 Telemag — 3.ª edição
43.45 Telemag — 3.ª edição
43.50 Telemag — 3.ª edição
43.55 Telemag — 3.ª edição
44.00 Telemag — 3.ª edição
44.05 Telemag — 3.ª edição
44.10 Telemag — 3.ª edição
44.15 Telemag — 3.ª edição
44.20 Telemag — 3.ª edição
44.25 Telemag — 3.ª edição
44.30 Telemag — 3.ª edição
44.35 Telemag — 3.ª edição
44.40 Telemag — 3.ª edição
44.45 Telemag — 3.ª edição
44.50 Telemag — 3.ª edição
44.55 Telemag — 3.ª edição
45.00 Telemag — 3.ª edição
45.05 Telemag — 3.ª edição
45.10 Telemag — 3.ª edição
45.15 Telemag — 3.ª edição
45.20 Telemag — 3.ª edição
45.25 Telemag — 3.ª edição
45.30 Telemag — 3.ª edição
45.35 Telemag — 3.ª edição
45.40 Telemag — 3.ª edição
45.45 Telemag — 3.ª edição
45.50 Telemag — 3.ª edição
45.55 Telemag — 3.ª edição
46.00 Telemag — 3.ª edição
46.05 Telemag — 3.ª edição
46.10 Telemag — 3.ª edição
46.15 Telemag — 3.ª edição
46.20 Telemag — 3.ª edição
46.25 Telemag — 3.ª edição
46.30 Telemag — 3.ª edição
46.35 Telemag — 3.ª edição
46.40 Telemag — 3.ª edição
46.45 Telemag — 3.ª edição
46.50 Telemag — 3.ª edição
46.55 Telemag — 3.ª edição
47.00 Telemag — 3.ª edição
47.05 Telemag — 3.ª edição
47.10 Telemag — 3.ª edição
47.15 Telemag — 3.ª edição
47.20 Telemag — 3.ª edição
47.25 Telemag — 3.ª edição
47.30 Telemag — 3.ª edição
47.35 Telemag — 3.ª edição
47.40 Telemag — 3.ª edição
47.45 Telemag — 3.ª edição
47.50 Telemag — 3.ª edição
47.55 Telemag — 3.ª edição
48.00 Telemag — 3.ª edição
48.05 Telemag — 3.ª edição
48.10 Telemag — 3.ª edição
48.15 Telemag — 3.ª edição
48.20 Telemag — 3.ª edição
48.25 Telemag — 3.ª edição
48.30 Telemag — 3.ª edição
48.35 Telemag — 3.ª edição
48.40 Telemag — 3.ª edição
48.45 Telemag — 3.ª edição
48.50 Telemag — 3.ª edição
48.55 Telemag — 3.ª edição
49.00 Telemag — 3.ª edição
49.05 Telemag — 3.ª edição
49.10 Telemag — 3.ª edição
49.15 Telemag — 3.ª edição
49.20 Telemag — 3.ª edição
49.25 Telemag — 3.ª edição
49.30 Telemag — 3.ª edição
49.35 Telemag — 3.ª edição
49.40 Telemag — 3.ª edição
49.45 Telemag — 3.ª edição
49.50 Telemag — 3.ª edição
49.55 Telemag — 3.ª edição
50.00 Telemag — 3.ª edição
50.05 Telemag — 3.ª edição
50.10 Telemag — 3.ª edição
50.15 Telemag — 3.ª edição
50.20 Telemag — 3.ª edição
50.25 Telemag — 3.ª edição
50.30 Telemag — 3.ª edição
50.35 Telemag — 3.ª edição
50.40 Telemag — 3.ª edição
50.45 Telemag — 3.ª edição
50.50 Telemag — 3.ª edição
50.55 Telemag — 3.ª edição
51.00 Telemag — 3.ª edição
51.05 Telemag — 3.ª edição
51.10 Telemag — 3.ª edição
51.15 Telemag — 3.ª edição
51.20 Telemag — 3.ª edição
51.25 Telemag — 3.ª edição
51.30 Telemag — 3.ª edição
51.35 Telemag — 3.ª edição
51.40 Telemag — 3.ª edição
51.45 Telemag — 3.ª edição
51.50 Telemag — 3.ª edição
51.55 Telemag — 3.ª edição
52.00 Telemag — 3.ª edição
52.05 Telemag — 3.ª edição
52.10 Telemag — 3.ª edição
52.15 Telemag — 3.ª edição
52.20 Telemag — 3.ª edição
52.25 Telemag — 3.ª edição
52.30 Telemag — 3.ª edição
52.35 Telemag — 3.ª edição
52.40 Telemag — 3.ª edição
52.45 Telemag — 3.ª edição
52.50 Telemag — 3.ª edição
52.55 Telemag — 3.ª edição
53.00 Telemag — 3.ª edição
53.05 Telemag — 3.ª edição
53.10 Telemag — 3.ª edição
53.15 Telemag — 3.ª edição
53.20 Telemag — 3.ª edição
53.25 Telemag — 3.ª edição
53.30 Telemag — 3.ª edição
53.35 Telemag — 3.ª edição
53.40 Telemag — 3.ª edição
53.45 Telemag — 3.ª edição
53.50 Telemag — 3.ª edição
53.55 Telemag — 3.ª edição
54.00 Telemag — 3.ª edição
54.05 Telemag — 3.ª edição
54.10 Telemag — 3.ª edição
54.15 Telemag — 3.ª edição
54.20 Telemag — 3.ª edição
54.25 Telemag — 3.ª edição
54.30 Telemag — 3.ª edição
54.35 Telemag — 3.ª edição
54.40 Telemag — 3.ª edição
54.45 Telemag — 3.ª edição
54.50 Telemag — 3.ª edição
54.55 Telemag — 3.ª edição
55.00 Telemag — 3.ª edição
55.05 Telemag — 3.ª edição
55.10 Telemag — 3.ª edição
55.15 Telemag — 3.ª edição
55.20 Telemag — 3.ª edição
55.25 Telemag — 3.ª edição
55.30 Telemag — 3.ª edição
55.35 Telemag — 3.ª edição
55.40 Telemag — 3.ª edição
55.45 Telemag — 3.ª edição
55.50 Telemag — 3.ª edição
55.55 Telemag — 3.ª edição
56.00 Telemag — 3.ª edição
56.05 Telemag — 3.ª edição
56.10 Telemag — 3.ª edição
56.15 Telemag — 3.ª edição
56.20 Telemag — 3.ª edição
56.25 Telemag — 3.ª edição
56.30 Telemag — 3.ª edição
56.35 Telemag — 3.ª edição
56.40 Telemag — 3.ª edição
56.45 Telemag — 3.ª edição
56.50 Telemag — 3.ª edição
56.55 Telemag — 3.ª edição
57.00 Telemag — 3.ª edição
57.05 Telemag — 3.ª edição
57.10 Telemag — 3.ª edição
57.15 Telemag — 3.ª edição
57.20 Telemag — 3.ª edição
57.25 Telemag — 3.ª edição
57.30 Telemag — 3.ª edição
57.35 Telemag — 3.ª edição
57.40 Telemag — 3.ª edição
57.45 Telemag — 3.ª edição
57.50 Telemag — 3.ª edição
57.55 Telemag — 3.ª edição
58.00 Telemag — 3.ª edição
58.05 Telemag — 3.ª edição
58.10 Telemag — 3.ª edição
58.15 Telemag — 3.ª edição
58.20 Telemag — 3.ª edição
58.25 Telemag — 3.ª edição
58.30 Telemag — 3.ª edição
58.35 Telemag — 3.ª edição
58.40 Telemag — 3.ª edição
58.45 Telemag — 3.ª edição
58.50 Telemag — 3.ª edição
58.55 Telemag — 3.ª edição
59.00 Telemag — 3.ª edição
59.05 Telemag — 3.ª edição
59.10 Telemag — 3.ª edição
59.15 Telemag — 3.ª edição
59.20 Telemag — 3.ª edição
59.25 Telemag — 3.ª edição
59.30 Telemag — 3.ª edição
59.35 Telemag — 3.ª edição
59.40 Telemag — 3.ª edição
59.45 Telemag — 3.ª edição
59.50 Telemag — 3.ª edição
59.55 Telemag — 3.ª edição
60.00 Telemag — 3.ª edição
60.05 Telemag — 3.ª edição
60.10 Telemag — 3.ª edição
60.15 Telemag — 3.ª edição
60.20 Telemag — 3.ª edição
60.25 Telemag — 3.ª edição
60.30 Telemag — 3.ª edição
60.35 Telemag — 3.ª edição
60.40 Telemag — 3.ª edição
60.45 Telemag — 3.ª edição
60.50 Telemag — 3.ª edição
60.55 Telemag — 3.ª edição
61.00 Telemag — 3.ª edição
61.05 Telemag — 3.ª edição
61.10 Telemag — 3.ª edição
61.15 Telemag — 3.ª edição
61.20 Telemag — 3.ª edição
61.25 Telemag — 3.ª edição
61.30 Telemag — 3.ª edição
61.35 Telemag — 3.ª edição
61.40 Telemag — 3.ª edição
61.45 Telemag — 3.ª edição
61.50 Telemag — 3.ª edição
61.55 Telemag — 3.ª edição
62.00 Telemag — 3.ª edição
62.05 Telemag — 3.ª edição
62.10 Telemag — 3.ª edição
62.15 Telemag — 3.ª edição
62.20 Telemag — 3.ª edição
62.25 Telemag — 3.ª edição
62.30 Telemag — 3.ª edição
62.35 Telemag — 3.ª edição
62.40 Telemag — 3.ª edição
62.45 Telemag — 3.ª edição
62.50 Telemag — 3.ª edição
62.55 Telemag — 3.ª edição
63.00 Telemag — 3.ª edição
63.05 Telemag — 3.ª edição
63.10 Telemag — 3.ª edição
63.15 Telemag — 3.ª edição
63.20 Telemag — 3.ª edição
63.25 Telemag — 3.ª edição
63.30 Telemag — 3.ª edição
63.35 Telemag — 3.ª edição
63.40 Telemag — 3.ª edição
63.45 Telemag — 3.ª edição
63.50 Telemag — 3.ª edição
63.55 Telemag — 3.ª edição
64.00 Telemag — 3.ª edição
64.05 Telemag — 3.ª edição
64.10 Telemag — 3.ª edição
64.15 Telemag — 3.ª edição
64.20 Telemag — 3.ª edição
64.25 Telemag — 3.ª edição
64.30 Telemag — 3.ª edição
64.35 Telemag — 3.ª edição
64.40 Telemag — 3.ª edição
64.45 Telemag — 3.ª edição
64.50 Telemag — 3.ª edição
64.55 Telemag — 3.ª edição
65.00 Telemag — 3.ª edição
65.05 Telemag — 3.ª edição
65.10 Telemag — 3.ª edição
65.15 Telemag — 3.ª edição
65.20 Telemag — 3.ª edição
65.25 Telemag — 3.ª edição
65.30 Telemag — 3.ª edição
65.35 Telemag — 3.ª edição
65.40 Telemag — 3.ª edição
65.45 Telemag — 3.ª edição
65.50 Telemag — 3.ª edição
65.55 Telemag — 3.ª edição
66.00 Telemag — 3.ª edição
66.05 Telemag — 3.ª edição
66.10 Telemag — 3.ª edição
66.15 Telemag — 3.ª edição
66.20 Telemag — 3.ª edição
66.25 Telemag — 3.ª edição
6

NACIONAL



RENASCENÇA GRAFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º e 4.º
TELEF. 65431/2/3/4
REDAÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEF. 12363
LISBOA PORTUGAL

Depois de amanhã

Estreia de "Sambizanga" no Cinema Universal

Estreia-se depois de amanhã, no cinema Universal, à Rua da Beneficência, a longa-metragem «Sambizanga», de Sarah Maldoror, cujo guião foi concebido a partir de uma novela de Luandino Vieira. A exibição do filme em Portugal havia sido anunciada para 21 de Setembro, depois cancelada por decisão do gabinete do Primeiro-Ministro. Razões do M.P.L.A. que ainda prosseguia sapareceram entretanto: «Sambizanga» constituiria propa-

ganda de um dos movimentos emancipacionistas de Angola (o M.P.L.A.) quer ainda prosseguir as acções militares contra o Exército português.

O filme de Sarah Maldoror arranca da novela «A Vida Verdadeira de Domingos Xavier», a lançar em edição portuguesa por estes dias. Na rodagem participaram angolanos e congoleses simpatizantes do M. P. L. A., sendo, por outro lado, a realizadora esposa do dr. Mário de Andrade, militante do movimento. Mas a propaganda, se propaganda houve, acabaria aí — sustentaram publicamente António Cunha Telles, da distribuidora Animatographo, e o próprio luandino. O filme acaba com uma legenda em que Sarah Maldoror refere o apoio do M. P. L. A. — e mais nada.

«Sambizanga» prende-se com o drama de um casal angolano na sequência dos acontecimentos de 4 de Fevereiro de 1961, quando partidários do M. P. L. A. tentaram assaltar a Cadeia Central de Luanda e a esquadra da P. S. P. de S. Paulo para libertar activistas do movimento. Nas semanas seguintes registou-se um clima de tremenda violência na capital de Angola, preludiando outro acontecimento capital, que foi o início da actividade da U. P. A. (agora F. N. L. A.) em 15 de Março.

Depois da temporada em Lisboa, que se prevê seja longa, o filme passará em Moçambique e muito provavelmente em Angola.



Luandino Vieira

Nota do Ministério da Justiça sobre o caso do B.I.P.

O Ministério da Justiça emitiu, através do Ministério da Comunicação Social, um comunicado sobre as recentes medidas tomadas em relação ao B.I.P., e das quais demos conhecimento nas nossas edições de 14 e 15.

É o seguinte o texto do comunicado:

«1 — No dia 12 do mês em curso foram requeridas pelo Ministério Público, junto das Varas Cíveis de Lisboa, providências cautelares contra o Banco Intercontinental Português (B.I.P.) e o seu presidente do conselho de Administração Jorge de Brito, em ordem à defesa dos interesses do Estado Português consubstanciados nas responsabilidades decorrentes de avals prestados àquele banco, e ainda à defesa dos titulares de depósitos na mesma instituição bancária.

O Ministério Público actuou, como a lei lhe impõe, na defesa do interesse público, não só o patrimonial do Estado, mas, ainda e sobretudo, na salvaguarda das economias dos cidadãos que, depositando os seus aforros em instituições bancárias contribuem para o processo de dinamização em curso da economia nacional.

2 — Obteve aquele requerimento imediato deferimento por parte do senhor corregedor da 5.ª Vara Cível, pelo qual foi ordenada proibição de alienação e oneração do património dos requeridos B.I.P. e Jorge de Brito, com ressalva das operações correntes do comércio bancário.

Nesse mesmo dia 12, judicialmente se diligenciou no sentido de serem notificados para aquele fim, os requeridos, e se oficiou à Inspeção-Geral de Crédito e Seguros, com vista ao mesmo efeito.

3 — Dando-se a notícia pública das providências cautelares requeridas e decretadas,

tem-se em vista obter a colaboração de todos, em ordem a um integral acatamento daquela decisão judicial, e simultaneamente contribuir para a manutenção da confiança pública nas instituições bancárias, sendo certo que o Estado permanecerá vigilante na defesa dos superiores interesses da economia nacional.»

Grave doença profissional numa fábrica do Cacém

Cerca de quarenta operários dos estabelecimentos fabris da Tinturaria Cambournac (Cacém) apresentam sintomas de uma grave dermatite causada, segundo tudo indica, pela libertação de fragmentos de uma fibra artificial que há três meses começou a ser laborada nas oficinas de fição e encarnação da empresa. O facto consta de uma participação ontem enviada à Direcção-Geral de Saúde pelo Sindicato dos Têxteis e Vestuário do Sul.

A doença profissional, que parece em rápida expansão entre os 800 trabalhadores da Cambournac, é atribuída à falta de aparelhagem de aspiração de poeiras libertadas durante a manipulação fabril da fibra. A instalação dos aspiradores é obrigatória, nos termos da legislação sobre segurança no trabalho, segundo nos informaram no Sindicato.

Na Tinturaria, em que a limpeza a seco é apenas uma das secções, têm-se sucedido as reivindicações de aplicação das leis e de melhoria das condições de trabalho, caracterizadas pela manipulação de produtos químicos altamente tóxicos e por uma atmosfera carregada de calor e humidade. A entidade patronal nunca

instalou o condicionamento de ar (obrigatório) nem abriu o serviço médico privativo que a lei exige para as empresas com mais de 200 trabalhadores.

As deficientes condições fabris constam já de um volumoso processo aberto no Gabinete de Higiene e Segurança da Inspeção do Trabalho, sem que os trabalhadores tenham visto qualquer resultado nas diligências efectuadas junto de entidades oficiais. Espera-se que o Ministério do Trabalho tome as necessárias providências, em face da participação enviada pelo Sindicato dos Têxteis.

Entretanto, as operárias atingidas pela dermatite (que provoca escamamento da pele, gretas entre os dedos e muita comichão) só a título particular conseguiram obter assistência médica. A Delegação de Saúde de Lisboa, onde algumas delas se apresentaram, remeteu-as para os postos da Previdência.

E a empresa, que já não está abrangida pela Previdência da indústria ainda não foi integrada na Caixa dos Lanifícios por faltar uma homologação ministerial.

Ora ir ao posto da Previdência dos S.M.S. do Cacém «é impossível, porque a situação é muito urgente e não podemos estar quinze dias à espera de uma análise, como acontece no posto», disse-nos uma operária, que recorreu a uma clínica particular. Vinte das suas colegas foram aconselhadas a dirigirem-se em último caso, à consulta externa do Hospital do Desterro, onde os exames confirmaram a existência de vários tipos de dermatite, cuja origem permanece por provar. Mas no Cacém, a doença, que não é contagiosa, atinge apenas as operárias da Tinturaria e apareceu ao mesmo tempo que a introdução da nova fibra, importada do estrangeiro para ser fiada e tecida em Portugal.

Dr. André Gonçalves Pereira

O dr. André Gonçalves Pereira, professor da Faculdade de Direito de Lisboa, desmente que faça parte do pretensso Governo no exílio da «maioria silenciosa», no qual o seu nome aparecia como ministro sem pasta.

O dr. André Gonçalves afirma que se trata de mera coincidência de nome, quanto a factos que ignora completamente.

Mendes Uva nega ser fascista

O sr. Mendes Uva, chefe da Divisão Regional do Porto do Serviço Nacional de Emprego, enviou um esclarecimento para o nosso jornal a propósito de uma notícia publicada no passado dia 12 intitulada «Fascista de cravo na lapela trabalhava para a «silenciosa».

Afirma o sr. Mendes Uva que

«nunca desenvolvi qualquer actividade política nem exerci cargo político na vigência do regime anterior. Jamais colaborei nem colaborei no jornal «Novo Rumo» que se publica em Braga, sendo portanto falsa a notícia na parte que me diz respeito, como facilmente poderá e deverá ser constatado».

“JORNAL DO COMÉRCIO”

O decano dos jornais da capital, o «Jornal do Comércio», faz hoje 121 anos. Devido ao conflito de trabalho que levou os trabalhadores daquele jornal a uma prolongada greve, o aniversário passou sem que o jornal saísse embora o conflito esteja já resolvido no essencial. Espera-se que a insta-

lação de novas técnicas se complete para que o «Jornal do Comércio» volte a sair. A todos quantos trabalham para o futuro do «Jornal do Comércio» endereçamos os nossos cumprimentos e felicitações por mais este aniversário.

Diplomatas húngaros

A Delegação Diplomática da República Democrática da Hungria, presidida pelo vice-presidente do Ministério dos Negócios Estrangeiros daquele país, Janos Nagy, que desde ontem se encontra no nosso País, visitou o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros ao princípio da manhã de hoje, tendo, em segui-

da, almoçado com o mesmo secretário. Do programa previsto constam, ainda hoje, uma reunião com o secretário de Estado dos Transportes e Comunicações, uma entrevista com o ministro da Economia e com o secretário de Estado do Comércio Externo, e conversações com o ministro sem pasta Álvaro Cunhal.

CASINOS do ALGARVE

às 23 h. e 1 h. até 30 de Outubro

ALVOR a fadista LÍDIA RIBEIRO os equilibristas suecos THE ELWARDOS'S o ballet espanhol LUIS de LUIS e a Orquestra do Casino Maiores de 18 anos Alvor - telf. (0-082) 23141	VILAMOURA a cançonetista francesa BERNADETTE STERN o ilusionista português CONDE D'AGUILAR o ballet GERRY ATKINS SHOW e a Orquestra do Casino Maiores de 18 anos Vilamoura - telf. (0-089) 65319/86	M. GORDO a voz sensacional de KIM DAVIS os acrobatas alemães CLAUS BECKER'S & PARTNER o ballet THE BRAVO DANCERS e a Orquestra do Casino Maiores de 18 anos Monte Gordo - telf. (09) 2224/5/6
--	---	---

Sala de máquinas - acesso livre a maiores de 21 anos - Sala de jogos - diariamente das 17 h. às 3 h.